Retalhos de Saudade

Um livro simples,
com a leveza
de tranquila pescaria,
em um riacho de
águas claras,
em dia de sol e vento,
com piabas de
escamas prateadas
que presas ao anzol
movem-se no espaço.

J. Issa Filho

Lembrança das nossas
Bodas de Diamante.

Natércia
José Issa

Pedro Leopoldo
28-01-2013

Retalhos de Saudade

PEDRO LEOPOLDO
2012

B869 I86 2012	ISSA FILHO, J. Retalhos de Saudade / J. Issa Filho. - Pedro Leopoldo: Tavares Editora, 2012. 160 p. ISBN: 978-85-99682-14-2 1. Literatura Brasileira.

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luiza Diniz Ferreira - CRB1590

Livros do mesmo autor

1 - Rua de São Sebastião (Romance)
1961 - Edições Planeta B.H.

2 - Um Curto e Infeliz Amor na Lapa (Romance)
1963 - Gráfica Editora Tavares Ltda P.L.

3 - Coisas do Reino de Pedro Leopoldo - 1 (Memórias)
1993 - Gráfica Editora Tavares Ltda P.L. 1ª. Edição
2002 - Gráfica Editora Tavares Ltda P.L. 2ª. Edição

4 - Coisas do Reino de Pedro Leopoldo-2 (Memórias)
1996 - Gráfica Editora Tavares Ltda P.L.

5 - O Mascate Elias (Contos)
1999 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

6 - A Época Dourada dos Cabarés (Romance)
2000 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

7 - As Mãos do Gato (Contos)
2001 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

8 - Coisas do Reino de Pedro Leopoldo-3 (Memórias)
2002 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

9 - A Vida, Suas Flores, Seus Espinhos (Poesia)
2004 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

10 - Contraste (Poesia)
2005 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

11 - O Comprador de Ouro (Contos)
2007 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

12 - Gavetas (Poesia)
2009 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

13 - Memória Histórica do Reino de Pedro Leopoldo
2010 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

14 - Retalhos da Saudade
2012 - Gráfica e Editora Tavares Ltda P.L.

Do começo dos anos 40 até o fim dos anos 50 Pedro Leopoldo foi uma festa. Muito baile, muita música, muitos sonhos, muita alegria. O Jornalista Nicolau Neto, do Jornal Estado de Minas, chamou a cidade, alguns anos depois, de Festilândia. Havia no adro da igreja barraquinhas quase permanentes. E havia nesse adro, que ocupava uma área muito maior que a de hoje (área com mais dois lotes vagos), um grande palco onde levávamos shows nas noites de sábado e domingo.

Havia também na cidade uma estação de rádio, a PRK-Vieira de José Martins Filho. Um nome feio para uma estação de rádio, mas ela enchia as casas, os bares, as ruas com bonitas

músicas românticas. Discos de Carlos Galhardo, Orlando Silva, Vicente Celestino, Sílvio Caldas, Francisco Alves e muitos outros. E nos intervalos Zé Martins sempre dizia: "Bons momentos de alegria para quem geme todo o dia". Uma bela época. O sexo era reprimido, o que fazia o romantismo florescer. Quem viveu naquela época sabe o que quero dizer. Havia na cidade bons cantores e bons músicos. Foi envolvido por essa gente que passei a escrever letras de música... Letras essas que foram musicadas por Pachequinho, um violonista respeitado em nossa terra e em muitas cidades em volta. Após musicá-las nós a guardávamos em um gravador que compramos de um brechó da Lagoinha, em Belo Horizonte. Um ano depois da morte de Pachequinho, alguém me procurou: queria essas músicas para levá-las para o Rio de Janeiro, ver se conseguia botar algumas delas em movimento. O gravador do brechó não quis funcionar. Tentamos de todas as maneiras, não houve jeito dele funcionar. Além de ser velho era um gravador de má qualidade. E as músicas que estavam nele foram para as cucuias. Eu até que as achava muito bonitas. Mas, ao me lembrar da fábula da coruja e seus filhotes, perdia o entusiasmo. Agora que sei que elas vão morrer

no esquecimento, sinto que o melhor é deixá-las onde estão...

Vou colocar no início deste livro as letras de três dessas músicas. Letras que estão sem as modificações que tiveram no instante de serem musicadas. Modificações essas exigidas por Pachequinho, e que geralmente prejudicavam a letra em favor da música. Meu amigo Pacheco Silva era bem exigente nessas horas. Encontrei essas letras e algumas outras, há pouco tempo, no fundo de uma gaveta de minha casa. Todas elas sem as modificações exigidas por Pachequinho. Letras que são hoje simples pedaços de saudade... Restos de sonhos para me fazer lembrar que a festa chegou ao fim...

Saudade
(Canção)

O tempo levou com ele
os bonitos sonhos de nossa mocidade
a ternura de uma rosa se abrindo,
deixou apenas saudade.

Doce e suave saudade,
a relembrar alegres momentos de amor,
colorindo a triste vida
de um eterno sonhador.

Saudade, terna saudade,
fazendo crescer em meu coração,
sob o silêncio das estrelas,
aquela que foi nossa, sempre nossa,
nossa doce e inesquecível canção.

Rua Enfeitada
(Marcha Rancho)

Morena, morena ainda em flor,
morena, quando tu passas,
morena queimada na cor,
a rua se enche de graça.

Até a canção do ceguinho,
tão cheia de pranto e de dor,
perde sua amargura,
torna-se balada de amor.

Passando, morena, tu ficas,
ficas alegrando nossa rua,
ficas no meu coração,
nas cordas de meu violão.
Ficas para varrer a tristeza
que mora em meu barracão...

O humilde velhinho do jardim,
não rega mais suas flores,
começa então a pensar
em seus passados amores.

E nossa ruazinha singela
enche-se de beleza e de graça,
quando com seu doce balanço,
alegre por ela tu passas...

Passando, morena, tu ficas,
(...)

Picaretagem
(Samba)

Você se diverte a noite inteira,
bebe uísque, joga baralho,
deixa a cama com o sol já alto,
brinca na praia em hora de trabalho.

Seus versos escritos em mesa de bar,
falam de fome, de dura servidão,
de luta, de sofrimento,
não têm beleza, não nascem do coração

Quero ouvir versos de amor e saudade
que venham do coração,
que falem em desejo de sonhos e beijos,
que dêem beleza a uma canção.

Fim dos anos 40,
começo dos anos 50

Dedico este livro com carinho e amor à minha mãe, primeira comerciante do sexo feminino da cidade de Pedro Leopoldo, quando lutava para ganhar a vida em sua humilde vendinha de nossa casa velha, na esquina de Rua de São Sebastião com a Rua Comendador Antônio Alves. Não vou falar aqui de seu valor, de sua grandeza como mulher e como mãe, porquanto irei repetir o que deixei escrito com amor em dois dos meus livros de memória. Dedico-o também à Natércia, abnegada companheira de quase sessenta anos, uma vez que já estamos por poucos meses para comemorar nossas bodas de diamante. Abnegada companheira que jamais vi perder a paciência ou a ternura. Portanto dedico este livro a ela que, com carinho, paciência e

ternura, ajudou-me a ser feliz. E para terminar dedico este livro a meus filhos que sempre aceitaram, com resignação, a vida de classe média baixa que Natércia e eu fomos forçados a lhes oferecer enquanto estudavam: modestas roupas de costureiras da roça, humildes escolas públicas, condução em ônibus velhos, malconservados e em horários reduzidos. Invariável merenda de pão com manteiga.

Sei que o que dá beleza à vida é o amor. E sinto que foi graças ao amor, com ajuda desta boa cidade de Pedro Leopoldo, que se dá toda em alegria e encanto, que Natércia e eu, com o amparo de Deus, conseguimos a tranquila e unida família que temos hoje.

Tem gente que mora em casa de luxo,
tem gente que mora em barracão;
tem casa onde sobra comida,
tem casa onde falta pão.
Mas a vida só é boa
para quem tem amor no coração...

"Bem vale haver lutado e cantado, bem vale haver vivido, se o amor me acompanha."

Pablo Neruda

“Pena é que para um grande amor seja
sempre curta a vida...”

Uma pessoa escreveu-me há pouco tempo elogiando meus livros de memória, mas criticando meu modo fantasioso de ver a cidade de Pedro Leopoldo. Concordou que é ela uma cidade alegre e boa para se viver; mas que eu fantasio muito quando falo dela. É beleza demais, diz ela. Há exagero, diz ela. Depois pede desculpa, e repete: "Muito exagero!..."

Escreve até bem a jovem da carta, e tem certa razão em algumas coisas que diz. Mas acontece que ela está muito nova para entender certos intrincados da vida. Digo isso porque sei quem me enviou a carta. Carta essa que assinou com letras bem nítidas, e, com letras bem nítidas, escreveu seu endereço.

O pequeno príncipe descobriu que havia mais de cinco mil flores iguaizinhas à sua em um só jardim. E deitado na relva ele chorou.

Mas após cativar a raposa ele voltou a rever aquelas flores e sentiu que elas eram vazias, ele não as via com o coração... E só se vê bem com o coração... O essencial é invisível aos olhos...

Com a cidade em que a gente nasceu costuma acontecer a mesma coisa. Ela se parece com muitas outras, mas há uma infinidade de coisas que a torna mais bonita, uma infinidade de coisas que nos leva a amá-la com profundo amor... O que acontece é que:

"Só se vê bem com o coração..."

O planeta em que morava o principezinho era belo para ele, o principezinho, por causa de uma flor que possuía. Uma flor meiga e indefesa, uma flor que ele, o principezinho, amava...

Além disso costuma acontecer com minha terra uma coisa que me deixa comovido. Quando eu era jovem viajei algumas vezes para lugares distantes. E onde eu dizia que era de Pedro Leopoldo, sempre havia alguém para dizer que

já estivera aqui e que gostara muito do lugar. E passava a falar da beleza de nossas moças, de nossos bailes, da grandeza de Chico Xavier. A relembrar a alegria das noites de nosso boi-da-manta...

O interessante é que há poucos anos, lendo uma crônica de Fernando Sabino, "Setor de Informações", do livro "A Volta por Cima", dei com o nome de Pedro Leopoldo. Na crônica ele conta que estava parado num sinal de trânsito quando o motorista do carro ao lado lhe disse:

– Moço, o senhor pode me informar onde fica a casa do sogro do doutor Adolfo?...

Era um negro com fala de mineiro. Seu pedido de informação era tão surpreendente que não resisti. Perguntei para ganhar tempo:

– A casa do sogro de doutor Adolfo?!

Ele deixou escapar um suspiro de cansaço:

– O doutor Adolfo me mandou trazer o Dodge dele de Pedro Leopoldo até a casa do sogro dele, aqui no Rio de Janeiro. Perdi o papel com o endereço. Só sei que é em Copacabana!...

O Dodge do doutor Adolfo. O doutor Adolfo de Pedro Leopoldo.

– E qual é o nome do sogro de doutor Adolfo?

Ele coçou a cabeça, encafifado:

– O azar é que não me lembro!... Um nome esquisito!...

– Esse doutor Adolfo de Pedro Leopoldo mora hoje em Belo Horizonte?

– Mora sim senhor!...

– Tem um irmão chamado Oswaldo?

– Tem sim senhor!...

– Por acaso o nome dele é Adolfo Gusmão?

– Isso mesmo! O senhor sabe onde fica a casa do sogro dele?

Respirei fundo, mal podendo acreditar:

– Sei. O sogro dele mora na Rua Souza Lima. É aqui pertinho. Você entra por ali,

vira aquela esquina, torna a virar a primeira à esquerda...

Ele agradeceu com a maior tranqüilidade, como se achasse perfeitamente normal que a primeira pessoa que abordasse numa cidade de alguns milhões de habitantes soubesse onde mora o sogro do doutor Adolfo, de Pedro Leopoldo. E Fernando Sabino termina a crônica dizendo:

– Não sei como não me ajoelhei, tomei-lhe a benção e pedi que me informasse o caminho da morada de Deus!...

Aquilo, ao que parece, para Fernando Sabino foi um acontecimento fora do normal, quase um milagre conseguido por aquele motorista da cidadezinha de Pedro Leopoldo. Mas para Azarias, Mané Maritaca, Dr. Arturzinho: uma coisa corriqueira para a nossa alegre cidade com sua história, suas estórias, seus contos, seus encantos.

Após ler a crônica de Fernando Sabino consegui descobrir que o motorista do Dodge do doutor Adolfo Gusmão era Geraldo Costa, o Geraldo Chuá, filho do velho Libério, um dos primeiros moradores da Rua de São Sebastião...

Eu ainda era jovem quando li este trecho de Machado de Assis:

"Rosas de amor ou lírios de saudade,
tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo."

Hoje, com quase 90 anos de idade, sinto que os lírios de saudade, que guardo comigo, a mão do tempo não esfolhou e jamais esfolhará.

Machado de Assis morreu com 69 anos.

Agora, já velho, já bem velho, costumo ter profunda saudade dos alegres e inesquecíveis dias do passado. Com eles escrevi este livro e dei-lhe o nome de "Retalhos de Saudade".

E para aproveitar o embalo coloquei-lhes na garupa alguns versos, ou coisa parecida, que escrevi em minhas noites de insônia.

Quando comecei
a ser levado pela saudade,
percebi que era a velhice que
chegava.
E era verdade,
era ela a idade.

Guimarães Rosa já dizia que toda saudade é uma espécie de velhice.

"Boa coisa é a história quando recordamos
de nosso passado e não encontramos
um único espinho de remorso..."

(Alexandre Herculano)

Acordei hoje com saudade da Rua de São Sebastião do meu tempo de menino. Da Rua de São Sebastião ainda sem calçamento, com poças de água e cheiro de jasmim após as chuvas, os postes da rede de iluminação de aroeira, com lâmpadas muito fracas. Bons tempos aqueles em que a gente podia ouvir bonitas canções na saudosa voz de Chico de Loura, acompanhada das melodiosas notas do violão de Pachequinho. Dois bons amigos que há muitos anos deixaram este mundo. Rua em que vivi os melhores anos de minha vida. Parecia que tudo permaneceria ali para sempre: os moradores, as casas, as árvores, os pássaros... Mas, como dizia o velho Margoso, "Sumiu tudo na barriga do tempo, num abrir e fechar de olhos!..."

Sumiu tudo, é verdade, mas não me esqueço de nada que havia nela, de suas casas simples, da gente humilde e boa que ali morava e que está morta e enterrada em nosso cemitério, tal qual meu pai, sem sepultura comprada. Mas posso vê-las neste momento, como eram naqueles dias, conversando, rindo, chamando-me de Zezé, como todos me chamavam. Jamais me esquecerei da Rua São Sebastião daquele tempo, pois amava tudo que havia nela, até mesmo o canto dos galos ao nascer do dia e dos canários nas árvores dos quintais. E todos que nela moravam... Uma gente humilde e boa que me ajudou a ser feliz... Uma gente que com sua bondade e sua ternura ficou para sempre em minha saudade:

"Ô de casa!..."

"Pode entrar, a casa é sua!..."

Em algumas casas um retângulo de madeira:

"Deus esteja neste lar"

E digo que Pedro Leopoldo não é para mim apenas uma fotografia na parede... Pedro Leopoldo do passado e do presente continua bem viva dentro de meu coração, com as vozes das

meninas em flor cantando cantigas de roda. E a bonita voz de Chico de Loura, acompanhada das doces notas do violão de Pachequinho, cantando inesquecíveis canções de amor: Lágrimas, As Pastorinhas, Chão de Estrelas, O Orvalho Vem Caindo, Valsa da Despedida, Amo-te muito, E o Destino Desfolhou e muitas outras tão bonitas como essas.

Bons tempos aqueles em que na maioria das casas de nossa humilde rua havia um presépio. E as famílias preparavam os panos para esses presépios na rua, com grude, anil, malacacheta moída e muito amor ao Menino Jesus no coração...

E bonitos eram aqueles presépios. E o presépio que mais me enternecia era o presépio da casa de Cidália Xavier, a segunda mãe de Chico Xavier. Ele evitava de chamá-la de madrasta pois sentia nela a bondade e a ternura de sua mãe. Já rapazinho, quando, à tardinha, deixava a pequena venda de José Felizardo, onde trabalhava, gostava de ajudá-la a armar o presépio. A fazer, com um pedaço de espelho, uma imitação de lagoa em cuja margem colocava dois solitários patinhos de barro pintado. Fazia também, com

areia fina e grude, a estradinha dos reis magos. Era um presépio feito com muita economia, mas havia nele trechos de suave ternura e místicas figuras de barro pintado...

Era nas noites de dezembro, mês dos presépios, e nas noites de maio, mês da coroação de Nossa Senhora, que João Cândido gostava de fazer serenata com seus filhos. Possuía uma viola de dez cordas que dedilhava com habilidade. Seus filhos eram afinados, principalmente Geralda, a caçula do primeiro casamento, que tinha voz bonita.

Era agradável acordar com aquelas serenatas, como era agradável, alguns anos depois, acordar com as alegres risadas de Chico de João Cândido, após ele sair, já tarde da noite, do Centro Espírita Luiz Gonzaga. Chico era pessoa que não se deixava abater ante as maldades da vida. Costumava até rir-se de certos acontecimentos que o incomodavam. Lembro-me de quando, com pouco mais de trinta anos de idade, percebeu que seus ondulados cabelos estavam gostando mais do pente que de sua cabeça. Acontecimento desagradável para qualquer jovem, principalmente para ele que

tinha uma bonita e bem cuidada cabeleira. Nessa época, lembro-me bem, eu vi em uma mezinha de seu quarto um vidro de óleo-de-ovo e um vidro de loção-brilhante. Produtos muito usados naquela época para combater queda de cabelo. Pouco tempo depois ele me disse: "Penso que até Deus teve seu descuido ao criar o homem: os cabelos da barba que incomodam e enfeiam o rosto nunca caem, mas os cabelos da cabeça, que ninguém quer perder, o tempo costuma levar, ou melhor: o pente costuma levar!..." E deu uma boa risada. E eu fico dizendo comigo: "Todo homem tem seu ponto fraco, e o ponto fraco de Chico, penso eu, foi a calvície..." E ele nunca escondeu isso. Penteou os cabelos de modo a esconder a calvície enquanto pode. Usou óleo-de-ovo, loção-brilhante, pilogênio. Depois do fato consumado usou chapéu, usou boné, usou boina, usou cabeleira.

Falei em óleo-de-ovo e em loção-brilhante numa mezinha do quarto de Chico. Acontece que fui muito amigo daquela família naquele tempo. Quando criança e já rapazinho entrava naquela casa como se fosse em minha casa. Mesmo

após me casar e Chico mudar-se para Uberaba continuei a ser bem recebido ali: "Pode entrar, a casa é sua!..." Pachequinho, o grande violonista Pacheco Silva, que se casou com Lucília, irmã de Chico, era um velho amigo meu. Mas o que quero mostrar com essa conversa é que há gente que anda, ninguém sabe o motivo, querendo transformar Lucília numa megera. Uma megera que andou dizendo a Chico que ele ou ela teriam de sair daquela casa.

Tudo conversa fiada. Lucília, como todas as suas irmãs, amava Chico. A aparência de grosseira veio-lhe do trabalho de defender Chico das pessoas impertinentes que o procuravam. A todo o instante aparecia na porta daquela casa alguém querendo falar com Chico. E era sempre Lucília que tinha de dizer que ele não estava. E de fato ela não dava muita conversa. Chico não estava e pronto... "E desculpe a pressa... o feijão está no fogo!..."

E havia todo o tipo de gente procurando Chico: gente educada, gente mal-educada, gente bêbeda, gente doida, gente que voltava mais de dez vezes no mesmo dia querendo saber se ele já tinha chegado. No livro Coisas do Reino de

Pedro Leopoldo-2, pg 251, falo numa dessas personagens. Personagem que apareceu aqui quando, por sorte, Chico estava em São Paulo.

Foi isso que a deixou com a imagem de megera, embora fosse pessoa caridosa e cuidasse de Dora, a Doralice, sua irmã mais nova – que nasceu com dificuldade para se locomover e também para falar – com um carinho de mãe.

Alguns amigos de Chico, vendo que estava ficando difícil para ele agüentar a pressão daquela gente que o procurava, resolveram construir no fundo da casa de Luíza, sua irmã, uma pequena casa para ele morar. Apesar de saber que Lucília era carinhosa com Dora, Chico, antes de se mudar para a nova casa, pediu a ela que cuidasse de Dora com muito carinho. E o pequeno quarto que era de Dora tinha sempre as roupas todas brancas e muito limpas, com enfeites de bibelôs. E até mesmo de bonitas bonecas. Nessa época todas as suas irmãs já tinham casado. E na casa só ficaram Dora, Lucília, Pachequinho e Wagner, filho único de Lucília e Pachequinho.

Uma a duas vezes por semana, à tardinha, Chico costumava aparecer para visitá-los,

principalmente para dar um abraço em Dora. Nessas tardes, quando eu entrava procurando por Pachequinho, e Dora de seu quarto me via dizia com a dificuldade que tinha para falar, um brilho de felicidade nos olhos:

– Chico... tá aí... Zezé!...

Eu ria e respondia: "Que bom!..."

E Chico vinha da cozinha, onde estava conversando com Lucília e Pachequinho, com uma chícara de café na mão, abraçava Dora e repetia:

– Chico tá aí, Zezé!...

Essa era uma cena que sempre me comovia no alegre reino de Pedro Leopoldo. E que me comove hoje quando me lembro dela.

São gostosos os momentos de felicidade,
mas duram sempre pouco.
O que fica é a saudade.

Ah, minha doce terra,
os jardins cheios de flores,
com sua alegre história
de inesquecíveis e ternos amores.

Eram muitas as borboletas
das margens de nosso ribeirão,
borboletas de tão bonitas composições de cores
que até parecia que os arbustos
estavam enfeitados de flores.

Falei da ternura e da bondade de Chico Xavier a uma inteligente repórter de um jornal de Belo Horizonte que apareceu aqui em Pedro Leopoldo – não sei por qual motivo – para me entrevistar. E ela foi rodeando toco até me perguntar se eu era espírita. Eu disse que não. Mas que não tinha nada contra o espiritismo. E ela quis saber se eu era católico. Respondi que fui católico praticante; mas que agora era, podia-se dizer, um católico relapso. E ela quis saber se eu já tinha assistido alguma sessão espírita. Respondi que não. Nem por curiosidade? Perguntou ela. Nem por curiosidade, respondi. E ela então disse: "Eu soube que o senhor perdeu um filho ainda bem jovem, é isso verdade?" "É verdade!..." "E o senhor nunca tentou, através de Chico Xavier, contato com ele?" "Não!... Nunca pensei nisso!..." "E Chico nunca lhe trouxe notícia dele no além?" "Não!... nunca me trouxe!..." "Mas ao que parece o senhor acredita no espiritismo!... É uma coisa estranha isso, o senhor não acha?" Aí, com delicadeza, eu perguntei a ela se ela era repórter ou detetive. E ela riu e eu também ri. E ela voltou à carga: "O senhor escreveu

aquele negócio sobre o voo das garças no dia do nascimento de Chico Xavier... O senhor anda escrevendo algumas coisas que o enaltecem... Se o senhor é católico, penso que isso não está certo, o senhor não acha?" Respondi que o enaltecia porque ele era de fato uma boa pessoa... E quanto ao voo das garças, apenas passei para o papel o que me foi contado por uma benzedeira, minha conhecida, chamada Sá Tomázia. Era uma pessoa que contava histórias interessantes sobre nossa terra dos tempos de antigamente. Além disso, as pessoas de minha idade e até mais novas do que eu, que moraram em Pedro Leopoldo naquela época, tiveram a oportunidade de ver o grande número de garças que havia nas margens do Ribeirão das Neves, numa várzea próxima do Lanara e do Parque de Exposição. Uma várzea em que havia muito lírio, um verdadeiro jardim de lírios. Os lírios desapareceram há muitos anos, mas as garças continuaram ali mais tempo. Os lírios desapareceram porque puseram para pastar, naquela região, gado da Fazenda Modelo. Mas as garças ainda ficaram ali por muitos anos. E ainda há muitas garças próximo dali, principalmente entre Ferreiras e Vera Cruz. Disse também a ela que o estranho é que fiquei sabendo naquela época que Sá Tomázia ia à missa todos

os domingos. E expliquei que o voo daquelas garças para mim não tinha nada de sobrenatural, porquanto era comum um bando delas circularem em nosso céu e depois seguirem em direção ao norte. Expliquei também que narrei aquela história porque achava bonito o vôo das garças. Para mim uma garça voando era poesia, e mais de uma garça voando me deixava comovido. E além do mais achei a história que Sá Tomázia me contou muito bonita. E não queria discutir se aquelas garças que apareceram em nosso céu no dia 2 de abril de 1910, apareceram para celebrar o nascimento de Chico Xavier ou não. Isso ia depender da interpretação de cada um.

E como aquela repórter continuasse insistindo nas suas perguntas, resolvi mostrar-lhe uma coisa não tão bonita como o voo das garças na manhã em que Chico nasceu; mas capaz de fazê-la baixar um pouco o topete. Procurei mostrar-lhe as dificuldades que Chico teve de enfrentar quando escreveu o "Parnaso D' Além-Túmulo". Numa época em que morava numa casa de poucos cômodos, com suas irmãs recebendo visitas, conversando, dando risadas, cantando na sala, nos quartos, no corredor e até na cozinha. Mas considerei que ele talvez

aproveitasse o silêncio da noite para escrever. E ela mais que depressa concordou. Que de fato isso poderia ocorrer: talvez ele aproveitasse quando elas iam para a cama dormir. E eu voltei à carga. Disse que um dia o professor Oton Andrade, inteligente professor do colégio em que estudei, perguntou-me se na casa em que Chico Xavier morava havia muitos livros. E eu respondi que nunca vi livros lá. E de fato nunca vi. Pelo menos não me lembro de ter visto livro naquela casa. Não me lembro de ter visto nem mesmo um dicionário. E ele, o professor Oton Andrade, quis saber se na prefeitura ou no grupo escolar da cidade havia biblioteca. E eu respondi que não havia. A cidade era uma cidadezinha pequena e pobre naquela época. Possuia apenas um grupo escolar. Um grupo escolar de meninos magros e descalços. E expliquei que era até possível que o prefeito e o coletor tivessem alguns livros em casa. Uns poucos livros. Mas tanto o prefeito como o coletor pertenciam a famílias da elite do lugar. Gente que, com certeza, não ia emprestar livro a um rapazinho pobre, filho de um vendedor de bilhetes de loteria, que trabalhava na venda de José Felizardo, um comerciante já na beira da falência. E pensando bem, esse rapazinho retraído não ia ter coragem de pedir livro emprestado a

esses maiorais da cidade, ainda mais sabendo que corria o risco de seu pai botar fogo nele. João Cândido andava preocupado com o filho que perdia tempo e saúde, ficando acordado até tarde da noite, escrevendo aquelas bobagens que não lhe rendiam nada:

– Com tanta moça bonita no lugar, e o retardado só de lápis na mão, gastando papel! – resmungava.

Portanto o que posso dizer é que o jovem Chico Xavier não possuía livros nem tinha acesso a livros e de uma hora para outra apareceu com o Parnaso de Além-Túmulo. Livro escrito por famosos poetas que já tinham partido para a outra vida, tais como Augusto dos Anjos, Cruz e Souza, Raul Leoni, Cassimiro de Abreu, Guerra Junqueiro e outros...

Tudo estranho, muito estranho... Não vou discutir se os versos eram dos poetas citados ou não. Posso apenas dizer que eles devem ter deixado profundas dúvidas naqueles que os leram, porquanto movimentaram a maioria dos intelectuais do País. Trouxeram, numa época de difícil acesso à nossa cidadezinha, os repórteres

mais importantes das revistas e dos jornais de todo o Brasil.

A repórter ouviu-me em silêncio, anotou ou fingiu que anotou alguns trechos do que eu falava em seu caderno. Em seguida agradeceu-me pela entrevista, enfiou a viola no saco e foi-se embora. Penso que não gostou da entrevista, porquanto não encontrei, nem ouvi falar de alguém que encontrou, nos jornais de Belo Horizonte, uma linha do que conversamos.

Numa saudosa manhã de abril
a imagem invertida de solitária garça
(a pescar piabas prateadas)
no espelho das águas claras
do nosso apressado e alegre ribeirão
    vai ficando,
    vai ficando,
    em meu solitário coração...

A casa ficou,
os retratos ficaram,
as cadeiras ficaram.
As honrarias levadas pelo vento,
corroídas pelo tempo,
acabaram no esquecimento.
A esperança morreu,
só restou a saudade
e uma ou outra música do passado
para alimentá-la.
Saudade que vai brilhando na alma
como, de uma rosa, as pétalas caídas,
até que, para sempre,
a morte ocupe o lugar da vida.

Para que o leitor possa perceber a desagradável amolação que Lucília teve de enfrentar ao atender as pessoas que procuravam Chico, antes de ele mudar-se para a pequena casa no fundo da residência de Luiza, sua irmã, deixo aqui pequenos trechos de um poema de Carlos Drummond de Andrade. E no caso do poeta a coisa era leve: um ou outro aspirante a poeta querendo mostrar seu original, alguns estudantes atendendo exigência de professores, um ou outro repórter de coluna literária necessitado de assunto para sua coluna.

"Apelo a Meus Dessemelhantes em
Favor da paz"
"Ah, não me tragam originais
para ler, para corrigir, para louvar..."
"O senhor saiu. Hora que volta? Nunca.
Saiu para não voltar."
"Vocês, garotos de colégio,
não perguntem ao poeta
quando nasceu.

Não nasceu.
Não vai nascer mais.
Desistiu de nascer quando viu que o esperavam
garotos de colégio de lápis em punho
com professoras na retaguarda comandando:
Cacem o urso polar."

Costumamos dizer que a vida passa depressa; mas, na verdade, somos nós é que passamos... A vida continua, com o céu, a terra, as estrelas... E o sol da manhã a brilhar nas pétalas das flores...

O mundo é grandioso, cheio de mistérios. Mistérios que estão além de nossa imaginação. Um simples ovo de passarinho, uma coisinha de nada diante dos grandes mistérios do mundo, de onde sai um filhotinho pelado, que depois se empena e voa e canta. Um sabiá por exemplo. E que bonito é o canto dele. "E pelas várzeas que emudecem / com os derradeiros sabiás..." Às vezes sinto saudade da grande fé em Deus que tive no passado. Fé que me deu muita

força e coragem naquele tempo. Às vezes sinto inveja daqueles que seguem com fervor os ensinamentos de Jesus. E Chico Xavier seguiu esses ensinamentos com amor e humildade enquanto viveu. Amor e humildade que ele não só praticou, mas também ensinou em toda sua vida: "Ama sempre. E quando estiveres a ponto de descrer do poder do amor, lembra-te de Jesus", costumava dizer.

E vem lá um dia um tal de frei Boaventura querendo provar que Chico Xavier era um embusteiro a serviço do Demônio. E como naquela época eu era católico praticante, procurou-me com o padre da cidade para que eu o ajudasse a provar isso. Queria desmoralizar um jovem que pregava os mesmos ensinamentos de Jesus que ele pregava. Tive a impressão de que ele sentia que se tornaria um herói se conseguisse isso. Felizmente na época não aceitei participar daquele trabalho. Ficou nervoso, deu-me a entender que eu não era um bom cristão. Eu me calei. Mas se fosse hoje eu lhe teria feito algumas perguntas que, penso eu, esfriariam seu ânimo.

Como eu poderia ajudar aquele frei a humilhar Chico, se eu não via nada de mal na

sua vida, se via nela apenas coisas boas? Se nascemos e crescemos na mesma rua? Se eu amava aquela gente, uma gente humilde e boa, que sempre teve um carinho de irmão para com minha mãe e para comigo?

Rua em que vivi o melhor pedaço de minha vida. Havia nela duas casas que eram como se fossem minha casa. A casa de Maximino e a casa de João Cândido. Casas em que eu entrava sem pedir licença. E dentro da primeira estava Rola e seus filhos, meus amigos. E o mesmo acontecia na casa de João Cândido, onde dentro dela estava Cidália Xavier, a bondosa madrasta de Chico e seus filhos. E no dia que eu deixava de entrar em uma delas, aparecia alguém para perguntar à minha mãe o que havia acontecido comigo.

Hoje, já velho, o passado volta bem vivo à minha lembrança. Voltam as pessoas amigas daquela rua, uma gente alegre e boa que me chamava de Zezé. Aquela rua de chão de terra e capim, a casa cor-de-rosa de Maximino, a casa branca de João Cândido, tudo bem nítido dentro de minha saudade...

Como eu poderia ajudar aquele frei a humilhar Chico se eu sabia de sua vida cheia

de dificuldades, de sua paciência dentro dessas dificuldades, do brilho de ternura e de esperança de seus olhos, mesmo quando seu pai, irritado ao vê-lo prejudicando a saúde escrevendo até altas horas da noite, aproveitava sua ausência para queimar muitas das folhas de papel em que ele andava escrevendo?...

João Cândido era pessoa difícil, de pouco diálogo. Quando alguém vinha com alguma conversa que o incomodava, resmungava:

– Vai comer outro!

E ia embora...

Tanto Maria de São João de Deus, como Cidália Xavier deixaram, com sua fé e sua bondade, uma semente de amor no coração de Chico. Semente que ao longo de sua vida brotou e deu frutos...

Hoje já está bem povoada a doce e alegre cidadezinha em que nasci, e eu continuo a amá-la com a mesma ternura que a amei no passado, quando, em setembro, os morros em sua volta, de bonitos tons de verde, cobriam-se de flores...

Sentado na sala de minha casa, costumo ficar pensando em minha cidadezinha dos tempos de antigamente. Cidadezinha em um vale cortado por três ribeirões e muitos riachos. Todos eles de águas claras e margeados de arbustos floridos. Cidadezinha que naquele tempo era apelidada pelos moradores das cidades vizinhas, nas disputas de futebol, de Vila D´água. Era de fato uma cidadezinha num vale com fartura de água e bonitas árvores, entre morros verdes, com grandes pedreiras de pedras calcáreas. Foi chamada no seu princípio de Cachoeira das Moças, por causa de três moças que moraram ao lado da cachoeira. Com a instalação da fábrica de tecidos, talvez por uma questão de machismo, ficou com o nome de Cachoeira Grande. Vila

Cachoeira Grande. Nessa época foi construída a estação da estrada de ferro, que recebeu o nome de Estação Ferroviária de Pedro Leopoldo. E em 1901 nossos políticos resolveram adotar o nome da estação para a vila que então começava a crescer: Vila Pedro Leopoldo. E mais tarde cidade de Pedro Leopoldo. Nunca entendi o motivo dessa mudança. Talvez, quem sabe, uma fineza política; mas sem o menor sentimento poético. A verdade é que esse sentimento poético está longe de nossos políticos desde aquela época. Trocar o nome de cidade de Cachoeira das Moças ou cidade de Cachoeira Grande por cidade de Pedro Leopoldo só pode ter sido por falta de sentimento poético. A não ser por um sentimento de gratidão dos moradores da cidade ao homenageado. Mas na verdade isso não aconteceu. O engenheiro Dr. Pedro Leopoldo nunca esteve em nossa terra. Construiu, é verdade, o trecho da estrada de ferro entre Santa Luzia e Capitão Eduardo e morreu pouco tempo depois. Aliás, diga-se a bem da verdade, a falta de sentimento poético de nossos políticos continua viva até hoje. Tem fôlego de sete gatos. A nossa cachoeira, uma bonita cachoeira, que está a poucos metros do centro da cidade, está abandonada. Largada à sujeira, largada às moscas. O mesmo acontecendo com o

bonito açude que vem antes dela. E isso é coisa que vem acontecendo há muitos e muitos anos. E se hoje eu tivesse o poder de mudar o nome desta terra, mudaria para Cachoeira da Saudade. Sei que haverá quem me condene pelo que acabo de escrever; mas tenho certeza de que quem conheceu nossa cachoeira nos seus áureos anos não me condenará...

Há muitos anos passados, esteve em nossa terra um poeta e cantor, chamado Mozar Bicalho, que improvisava canções elogiosas às cidades por onde passava. Um desses repentistas prestigiados no passado. E ele me disse que fazer poesia para uma cidade com o nome de Pedro Leopoldo não era fácil. Se o sujeito não fosse bom de serviço, acabaria caindo do cavalo. E eu concordei com ele; mas meu coração está me pedindo para dizer que apesar de seu nome não ser bom para uma poesia, ela foi e sempre será uma doce e inesquecível poesia. Ia dizer que ela começou com uma cachoeira; mas na verdade ela começou com uma fábrica de tecidos. A fábrica de tecidos é que foi construída ali graças a energia elétrica fornecida pela cachoeira. Então

é melhor dizer que ela começou com uma fábrica de tecidos e uma estação ferroviária. E havia um bondinho puxado a burro que levava fardos de algodão da estação ferroviária para a fábrica de tecidos e fardos de chita da fábrica de tecidos para a estação ferroviária. E enquanto o bondinho ia e vinha o lugarejo crescia. Um lugarejo com casas humildes, árvores bonitas, três ribeirões e muitos riachos de águas claras, margeados por arbustos floridos, cercado de morros verdes com pedreiras calcáreas. E um povo bom e alegre que gostava de música. Muitos deles tocavam violão e cantavam. Quase sempre as músicas românticas daquela época, entre eles Chico de Loura e Amorita com suas bonitas vozes, e Pachequinho e Mário de Candu com as notas de seus afinados violões.

Assim corria a vida em nosso saudoso lugarejo de gente humilde e boa. E hoje quando ouço uma daquelas músicas, lembro-me daquele tempo com saudade.

E o lugarejo passou a cidade, com muita música, muitos foguetes e muita festa. Uma semana seguida de festa. E a cidadezinha foi crescendo, com suas ruas sem calçamento, pequenas casas com telhados de duas meias-

águas, portas e janelas fechadas com tramelas, cercas de pau-a-pique. Vendinhas de uma porta só, cheirando a rapadura e querosene. Uma população de gente alegre e hospitaleira. Muito José, muita Maria. Toalhas bordadas a mão e jarros de flores sobre as mesas, vasilhas reluzentes na cozinha. Por toda a parte bonitas árvores nativas e canto de muitos pássaros.

Uma vida sem mágoa e sem fel, com muito amor nos corações. Sinto saudade da casa em que nasci e de tudo que havia nela. De Adelaide preta, a cozinheira, que gostava de cantar enquanto trabalhava. E que fazia um café muito doce e um bolo de chocolate que era puro açúcar. E se alguém reclamava, dizia: "De amarga basta a vida!". E dava uma boa risada.

Saudade, muita saudade daqueles dias, saudade daquelas casas, de tudo que havia nelas, naquelas ruas, naquela cidadezinha!...

Há uma bonita canção composta e cantada pelo compositor Renato Teixeira:

Saudade

"Se queres compreender
o que é saudade
terás antes de tudo conhecer,
sentir o que é querer e o que é ternura
e ter por bem um grande amor, viver.

Então compreenderás
o que é saudade
depois de ter vivido um grande amor.

Saudade é solidão melancolia
é nostalgia, é recordar, viver.

Se queres compreender
o que é saudade..."

Os sonhos alegram minha vida,
aquecem minhas madrugadas,
tiram os cascalhos de minha ladeira,
as pedras de minha estrada,
fazem crescer a saudade de minha amada.

Agora essa verdade vai perdendo a força,
porquanto como o calor do sol derrete a neve,
a presença da luz afasta a treva,
já estou sentindo o peso da velhice,
e a velhice pouco a pouco os sonhos leva.

Da varanda da velha casa
o velho ergue os olhos:
os pássaros no espaço,
cores em movimento
no azul do céu,
na inquietude do vento.

E aos poucos o velho
à infância vai retornando:
e lá está o menino,
o menino correndo descalço na calçada.
O menino que foi ele no passado,
o menino que o olha e não o vê,
nem ouve o seu chamado.

A verdade é que o amor não morre, e vira saudade. Uma saudade longa para a nossa curta vida.

Às vezes me invade o desejo de voltar ao passado, à doce cidadezinha daquele tempo, à Rua de São Sebastião ainda sem calçamento, com suas casas humildes, as roupas dependuradas dos varais, as grandes mangueiras, os passarinhos cantadores, moitas de vassourinhas, de capim-cidade vicejando nas margens das ruas. As poças d'água após as chuvas. Os postes de iluminação com suas lâmpadas de pouca luz, o que nos deixava mais ligados às estrelas... Saudade da casa em que nasci, com a ternura do amor materno, dos sonhos da mocidade... Saudade da época dos ipês floridos... Saudade, o canto das saracuras ao nascer do dia... Saudade, o triste gemido de uma juriti ao entardecer...

E havia o grupo Escolar São José do meu tempo de menino, com os incômodos tinteiros, as canetas com suas rangentes penas de metal, as

carteiras das meninas do lado direito, as carteiras dos meninos do lado esquerdo. E na jarra de vidro da mesa da professora miúdas flores do campo, ofertas humildes de suas alunas humildes. Grupo Escolar São José, de crianças descalças, com apenas duas ou três com sapatos nos pés, Grupo Escolar São José do meu tempo de menino.

Ah, como o tempo passou depressa de lá para cá, levou com ele minhas saudosas e dedicadas mestras: D. Jandirinha, D. Zilica, D. Carmem, D. Marieta... Levou com ele os incômodos tinteiros, as rangentes penas de metal, meus saudosos colegas do coro do be-a-bá e da tabuada. Levou com ele o livro "Coração das Crianças", com suas poesias de amor às árvores e aos pássaros...

Tudo era bonito, em tudo havia alegria. Pegava-se peixes com peneira nas águas claras de nosso ribeirão.

Marcha Soldado
cabeça de papel.
Se não marchar direito
vai preso para o quartel.

Foi no Grupo Escolar São José que dois meninos de famílias humildes de nossa terra, destacaram-se entre todos os outros. Foram eles Chico Xavier e José Martins Filho. Chico Xavier ficou conhecido em todo o Brasil e além do Brasil, e José Martins, apenas em Pedro Leopoldo. José Martins morreu novo, com pouco mais de 45 anos de idade. Tendo cursado apenas o grupo escolar comandou cartório, trabalhou em várias funções no fórum de nossa terra deixando, às vezes, a gente perceber que possuía maior conhecimento de português e de leis que muitos advogados daquela época. Uma época de bons advogados. Ele e Chico foram bons amigos e tinham letra muito bonita. Eu que sempre tive letra feia, verdadeiro garrancho, invejava-os de todo o coração. Chico Xavier destacou-se tanto em suas composições que deixou D. Rosária, sua professora, assustada. E mais tarde Zenite Bahia, também professora do Grupo Escolar São José, ofereceu-se para lhe dar aulas de português. E deu-lhe três horas de aulas diárias, durante três meses. Era ela pessoa de família importante do lugar naquela época, e, graças a sua inteligência,

passou a ser supervisora escolar e em seguida ocupou um cargo elevado na Secretaria de Educação do Estado. E essa professora foi até o fim da vida amiga de Chico e católica praticante. Como aconteceu com minha mãe, comigo, e a maioria dos moradores de Pedro Leopoldo. Chico fala em sua gratidão por essa professora em vários trechos de sua vida. E em um deles saudando os 65 anos da Fundação Marietta Gaio. Fala dessa gratidão em seu discurso de inauguração da Praça Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Uma festa com a presença de quase toda a população da cidade, que o aplaudiu cheia de entusiasmo. Numa prova de que o povo de Pedro Leopoldo gostava dele.

11-4-54
José, envio-te os meus parabéns pela passagem do teu aniversário, peço a Deus para te fazer muito feliz. Desejando também que o teu "gallo de brigas" seja sempre vencedor.
Chico
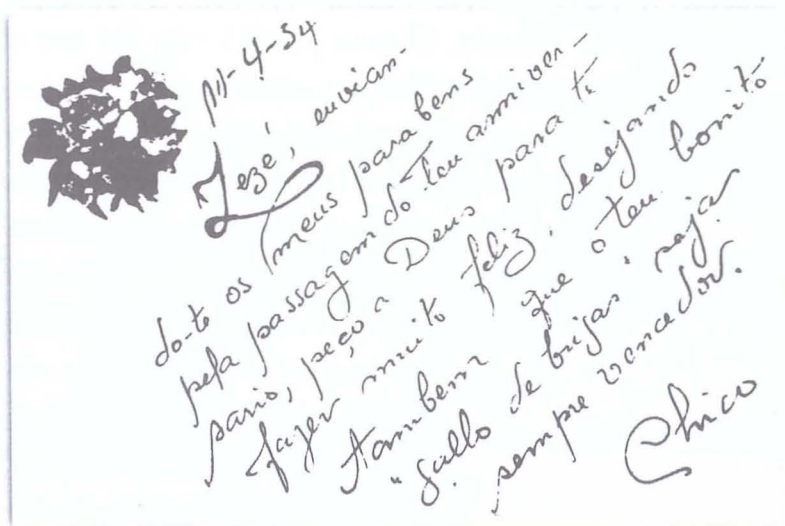
Foto de um cartão que recebi de Chico Xavier quando fiz onze anos.

No cartão Chico brinca dizendo que deseja que meu galo de briga seja sempre o vencedor. Mas, na verdade, ele sabia que eu nunca o punha para brigar. E o que costumava me dizer certas manhãs é que gostava de ouvir, quando acordava, o canto dele.

Nossa casa era separada da casa de João Cândido apenas por três casas.

Ao Zé Issa
Com o meu reconhecimento afetuoso - amigo
Justino Filho
30-12-59
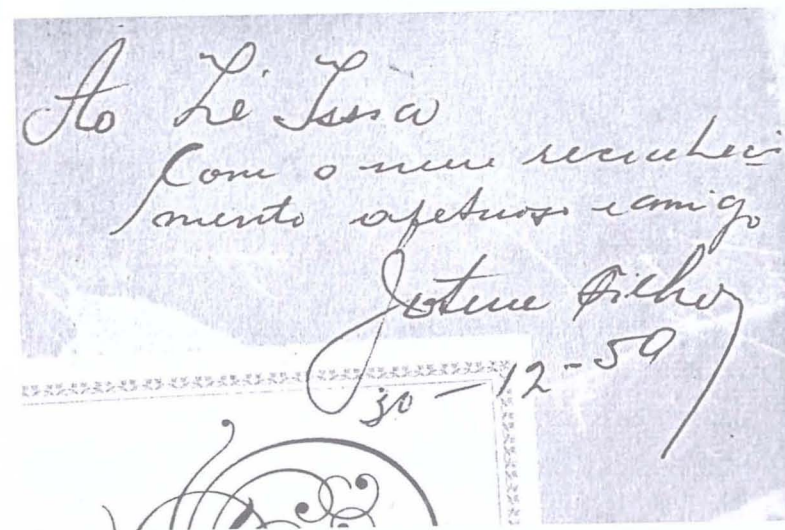
Foto de um cartão que veio junto ao livro "Quando Calam as Cigarras" de Dorothy Baker, que José Maerins me ofereceu. Ele já estava com o lado esquerdo do corpo paralisado por motivo de derrame.

E assim corria a vida em nossa cidadezinha. Uma cidadezinha com um povo alegre e que gostava de música. Foi uma época de encantamento no alegre Reino de Pedro Leopoldo. E havia uma banda de música que, sob a regência de Mestre Mário, respeitado maestro e compositor, fazia alvorada pelas ruas de nossa terra – no dia de Nossa Senhora, a padroeira do lugar, no dia do aniversário da cidade e da fábrica de tecidos – tocando músicas alegres. E nas ruas por onde passava, os moradores abriam as janelas de suas casas, mesmo nas manhãs muito frias, para ver a banda passar tocando músicas alegres. E havia o Jaz de Quiléia que animava os famosos bailes das noites de São Pedro do Grupo Escolar São José e os inesquecíveis bailes do carnaval do Fubá.

Foi uma época de sonho e ternura no alegre Reino de Pedro Leopoldo. Durante muitos anos Chico de Loura, Pachequinho, Eliseu Malaquias e eu fomos donos de suas tranquilas e inesquecíveis noites.

Vivíamos mais de sonhos que de realidade, e havia sonho e poesia em tudo, no silêncio das estrelas e até mesmo no vento frio das noites mais frias. Hoje quando ouço uma bonita canção daquele tempo, volto àqueles dias envolvido por doce saudade. Ah, como é grande o poder da música para nos fazer voltar ao passado. E continuam bem vivas em minha saudade muitas daquelas canções cantadas por Chico de Loura, por Pachequinho e pelos famosos cantores daquela época:

Dorme Que Eu Velo por Ti,
Está Chegando à Hora,
Fascinação
Lágrimas
Amo-te Muito
Súplica
Nada Além de uma Ilusão,
Folhas ao Vento
A Deusa da Minha Rua...

Maravilhosas e inesquecíveis noites, maravilhosas e inesquecíveis canções, maravilhosos e inesquecíveis amigos...

Pena é que as coisas boas que o tempo levou nunca mais voltarão, uma vez que ninguém será capaz de acender a chama da vida que o vento do tempo apagou.

Às vezes, sob o silêncio das estrelas que, com a primeira luz da madrugada, começavam a perder o brilho, víamos passando Chico Xavier, sozinho ou acompanhado, após sair do Centro Espírita Luiz Gonzaga, onde não se cansava de lembrar aos que o procuravam que o que dá beleza a vida é o amor: "Ama sempre. E quando estiveres a ponto de descrer do poder do amor, lembra-te de Cristo. Cristo que nos pediu apenas que amemos uns aos outros!..."

E depois, ao longe, sempre ao longe, o saudoso apito de uma Maria-fumaça!...

Plagiando "Naquela Mesa" de Sérgio Bittencourt:

Nas nossas noites está faltando ele, e a saudade dele está doendo em nós...

O tempo sem amor não conta:
é espaço vazio, é solidão,
não deixa em nossa alma
a mais leve recordação.

Aquelas noites, bonitas noites,
não consigo esquecê-las:
o violão de Pachequinho,
a voz de Chico de Loura,
o silêncio das estrelas...

Estranho mundo este,
complicada travessia,
em que o que é do mal
ganha força dia a dia,
cresce, floresce.
E o que é do bem
perde força lentamente,
lentamente desaparece...

A vida em certas horas felicidade,
em outras amarga caminhada.
Às vezes doce esperança,
às vezes esperança malograda.
Às vezes por estrada iluminada,
os pés em sapatos descansados,
doce e tranquila caminhada.
Às vezes o lamento de um tango,
às vezes a alegria de uma batucada.

Esquecer o passado é deixar desaparecer na névoa dos anos a poesia da vida. Felizmente continuam a me aquecer o coração os doces momentos vividos, ainda os mais distantes!...

Às vezes, na paz da noite, sob o brilho das estrelas, a saudade do passado costuma voltar. E até ouço, na bonita voz de Chico de Loura, acompanhada das doces notas do violão de Pachequinho, inesquecíveis canções daquele tempo:

"Pensando em Ti"
"Nada Além de Uma Ilusão"
"Velho Realejo"
"Não Tenho Lágrimas"
"Chão de Estrelas"
"Adeus Amor"
"A Deusa de Minha Rua"
"Noite Cheia de Estrelas"

Há momentos mágicos em que vejo a casa cor-de-rosa de Maximino, a casa branca de João Cândido, ambas com telhados de duas meias-águas e chaminé de manilha. E meu coração

aperta de saudade daquela gente. Gente humilde com quem convivi muitos e muitos anos.

Uma época de felicidade e encantamento no bonito reino de Pedro Leopoldo.

Conhecia aquela rua
como a palma de minha mão,
desde os dias em que a luz dos postes
era fraca, muito fraca,
e a luz da maioria das casas
era luz de lampião.
Mas não sabia naqueles dias
que havia casa onde sobrava comida
e casa onde faltava pão.

Minha mãe me pedia para deixar o costume de almoçar na casa de Cidália Xavier. Na casa de Cidália havia muita gente para almoçar. E em nossa casa era só eu, ela e Adelaide Cozinheira. Mas Cidália me estendia o prato com dois gordos pedaços de costela de boi cozida e três colheres de farofa de couve com torresmo, e eu mais que depressa o pegava. Na loja, às vezes, minha mãe

pedia à Cidália para não me dar comida na casa dela, que parecia até que eu não tinha comida em casa. E Cidália respondia: "Não se incomode, minha filha, não se incomode, do que ele gosta é do meu tempero!" E dava uma boa risada.

Chico Xavier tinha letra bonita, escrevia com um português da melhor qualidade. Mas na hora de conversar com os amigos, conversava como um humilde trabalhador de nossa modesta cidadezinha.

Dizia: "Uai", "Meu nego", "Tomara", "Tava lá", "Num tava lá", "Virgem!...", "Quem sou eu?!"...

E costumava dar umas risadas bem altas, risadas capazes de espantar pássaros-pretos dos arrozais.

Gostava de angu com quiabo, de angu com cansanção, de uma farofa de couve com torresmo. E Cidália Xavier sabia preparar esses pratos.

Tudo passa, tudo passou. Tanta coisa que parecia que ficaria para sempre, de repente foi engolida pela névoa do tempo. Nada retém o que a correnteza do tempo tem o poder de levar. Mas a Rua de São Sebastião daquele tempo, com aquela gente que sempre me chamou de Zezé e me ajudou a ser feliz, ficou guardada com nitidez na minha saudade...

Certo dia em que falei em saudade com Chico Xavier, ele me disse: "É como o sonho: não morre, apenas adormece na alma da gente."

Às vezes digo comigo: Pura verdade, a saudade e o sonho nunca morrem, apenas adormecem na alma da gente, e são um bálsamo para a solidão.

Há trechos de minha vida, daquela época, que estão mais nítidos em minha memória do que trechos em que vivi há menos de um ano.

Eu devia estar com nove ou dez anos, não sei ao certo, mas lembro-me bem que ouvi, em um dia de chuva fina, na loja de minha mãe, Cidália contando a ela que Chico fora uma criança muito sensível. Que uma tarde viu o burrinho magro e descadeirado do vendedor de lenha parar perto da casa deles, sem querer continuar a andar. E o homem começou a bater nele com um grande relho, a bater sem piedade, e o menino correu para o quarto e rompeu em pranto. E foi a custo que ela conseguiu fazê-lo parar de chorar. E ele ficou muitos dias perguntando a ela por que o homem em vez de puxar o burrinho ficou batendo nele...

A Rua de São Sebastião está hoje muito diferente do que foi na minha infância e mesmo na minha juventude. E sem um só de seus moradores daquele tempo. Rua que não é e nunca será para mim apenas uma fotografia na parede, mas sim uma saudade bem viva dentro do coração. Rua de chão de terra, com poças de água nos dias de chuva, besouros fazendo buracos junto aos postes

de rede elétrica. As lâmpadas muito fracas, mais fracas até que a luz do lampião de querosene do boteco de Zé Amâncio, do caminho do Açude.

Rua de gente humilde, que amei na beleza de suas manhãs, na alegria de suas tardes, no silêncio de suas noites...

Ah, muitos e muitos anos ficaram para trás, com Chico Xavier conversando e rindo dentro dela. Rua que era mais dele que de todos nós que morávamos nela, porquanto ele foi e ainda é o filho maior de nossa terra...

À noite costumávamos fazer serenata com minha velha vitrola de corda, com discos de canções românticas cantadas pelos grandes cantores daquela época. Às vezes era Chico de Loura com sua bonita voz, acompanhado das doces notas do violão de Pachequinho.

Umas poucas vezes por ano, quase sempre já tarde da noite, costumávamos encontrar com

Chico Xavier. Chico Xavier sem acompanhantes. E aí era aquela festa. Para nós era um grande momento. Penso que ele também ficava feliz com aqueles encontros. Ele gostava de música. Gostava de ouvir seu chará Chico de Loura cantar, principalmente quando acompanhado pelas saudosas notas do violão de Pachequinho. Ouvia as músicas de olhos voltados para o céu. Eu também em alguns instantes ficava olhando para o céu. E sentia que as estrelas estavam mais próximas de nós. Olhava para o norte, olhava para o sul, pareciam maiores e com mais brilho.

Hoje quando ergo os olhos para o céu, vejo nele menos estrelas. E sinto que cintilam menos que cintilavam naquelas noites... Não quero dizer com isso que a presença de Chico Xavier desse mais beleza ao céu. Longe de mim afirmar uma coisa dessa, embora eu sentisse que coisa parecida acontecia quando ele estava junto de nós. E se hoje as coisas mudaram, deve ter sido por culpa de minha vista que já anda cansada. Coisa natural com o avançar da idade. E tem muitos anos que não troco de óculos. Além disso, a cidade está bem mais iluminada, o que faz as estrelas perderem um pouco de seu brilho.

A verdade é que naquelas noites de serenata era tudo muito bonito. E tudo ficava mais bonito com a presença de Chico Xavier. Um céu de muita beleza... Um céu de noite de Natal!...

Eu olhava para Chico, e ele estava sorrindo, de olhos voltados para o céu. Tinha o hábito de ouvir música de olhos voltados para o céu. Olhos que pareciam refletir o brilho das estrelas. Aquilo fazia bem para o meu coração muitos dias seguidos...

O que tenho escrito sobre Chico Xavier não tem nada a ver com religião. Convivi com ele toda a minha infância e toda a minha mocidade. E a lembrança que guardo dele é de uma grande alma. Um mensageiro do amor, da fé, da humildade, que procurava levar esperança ao coração dos tristes, dos sofredores.

Embora tivesse nos olhos um brilho que parecia falar da certeza da eternidade com Deus, brilho de tranquilidade e ternura que lhe iluminava a alma, era muito sensível ao sofrimento do próximo. Já ouvi duas pessoas de minha confiança contarem o que vou contar,

já li um acontecimento parecido em um livro sobre sua vida. É a triste história de uma mulher que perdeu os filhos e o marido em um acidente de trânsito, e procurou-o em busca de amparo espiritual. Estava em pranto quando ele entrou na sala. As pessoas que o esperavam, também em busca de amparo espiritual, acompanhavam tudo em silêncio, sem conseguir imaginar as palavras com as quais ele conseguiria aliviar tamanha dor. Mas a mulher mal começou a falar da morte de seus entes queridos, ele disse: "Minha filha!..." olhou para o alto, abraçou-a, e chorou com ela...

Trecho de um artigo que escrevi para um jornalzinho de nossa terra no início do ano 2004:

Chico Xavier, Filho Maior de Nossa Terra

Havia muitos anos que eu não o via. Ontem voltei a vê-lo por um canal de televisão. Brotou grande tristeza em meu coração ao vê-lo magro e debilitado, a voz quase inaudível, necessitando ser amparado para se manter em pé. Senti saudade daquele jovem de cabeleira farta e ondulada que à noite eu às vezes encontrava nas ruas de

nossa terra, uma cidadezinha de poucos moradores, de casas humildes. Saudade daquele jovem alegre que, com sua voz suave e um brilho de ternura nos olhos, mostrou-nos a grandeza do amor ao próximo, a grandeza da humildade... Saudade de sua presença alegre em nossa humilde rua.

Poucos dos que estão vivos hoje serão capazes de se lembrar de terem presenciado, nas dobras dos anos que se foram, as mesmas histórias que me deixam comovido neste momento. Francisco Cândido Xavier cujas palavras tinham o dom de apagar as mágoas, o ódio e todos os encardidos da alma e do coração. Francisco Cândido Xavier, filho maior de nossa terra...

Inesquecíveis palavras de Chico Xavier:

"Ama sempre, e quando estiveres a ponto de descreres do amor, lembra-te de Cristo."

Chico Xavier

"Os sonhos não morrem, apenas adormecem na alma da gente."

Chico Xavier

"O bem que praticares em qualquer lugar e em qualquer época, será teu advogado em toda a parte e em qualquer época..."

Chico Xavier

"Jesus Cristo não pediu muito, pediu apenas que amássemos uns aos outros, apenas isso. E isso é tudo..."

Chico Xavier

"Façamos aos outros aquilo que queremos que os outros nos façam."

Chico Xavier

"O amor é a luz. E onde há luz não há treva."

Chico Xavier

"O que seria de nossa vida sem a fé em Deus e o amor ao próximo?..."

Chico Xavier

"Antigamente os professores oravam com os alunos na sala, hoje muitos deles fazem questão de dizer que não acreditam em Deus."

Chico Xavier

"A educação sexual nas escolas é assunto a ser conduzido seriamente no futuro, porquanto no presente, em minha humilde opinião, ignoramos onde estão os professores para semelhante disciplina."

Chico Xavier

A rosa sempre bonita,
bonita na roseira,
bonita nos cabelos de uma mulher,
bonita no vaso de uma janela.
E sempre mais bonita,
a mulher, a roseira, a janela,
sempre mais bonita com ela...

Era uma humilde rua,
rua de terra e capim,
não tinha rede elétrica,
não tinha nada,
mas nela a gente vivia feliz
como se fosse
num alegre conto de fada.

A gente ficava jogando bola na rua até escurecer. As lâmpadas dos postes se acendiam, mas mesmo com elas acesas tínhamos dificuldade para conseguir ver a bola, que era pequena e quase sempre de borracha vermelha. Hoje é que os meninos têm condição de possuir bolas maiores e de melhor qualidade. Coisa parecida acontecia com os remédios. Há remédios nas farmácias de hoje que são gostosos, sabor de ameixa, de maçã, de uva... Remédios que os meninos até gostam de tomar. No passado, principalmente os lombrigueiros e os purgantes eram de doer. O menino tinha de engoli-los com a simpatia, usada na época, de uma chave na mão. Chave das grandes, que era para trancar o remédio lá dentro, de maneira que não voltasse.

Foi num dia de carnaval, estávamos brincando com uma bola na rua, quando José Xavier, irmão de Chico, passou mal. E morreu poucas horas depois. Foi uma morte muito sentida por todos os moradores de nossa rua. José Xavier era pessoa alegre e espirituosa. Morreu muito novo. Alguns meses depois morreu o cachorro Lorde. Às vezes quando eu estava jogando bola e olhava para a calçada da casa de João Cândido, já sem o cachorro Lorde dormindo nela, sentia sua falta. Aquele cachorro foi por muitos anos parte daquela rua...

Rua de São Sebastião. No começo Rua da Matriz, por ficar defronte da igreja matriz. Depois Rua Quebra Nariz, e em seguida Rua de São Sebastião. Rua da minha infância, que está até hoje bem viva em minha memória. Rua de terra e capim, de água de cisterna, de pote de água e louças baratas na cozinha, de toalhas bordadas a mão e jarras com flores nas mesas.

Foi uma época de encantamento em nossa humilde rua. Rua de gente boa e alegre, com vozes de meninas-moças cantando, ao escurecer,

cantigas de roda, os postes de iluminação com lâmpadas fracas.

"Roseira dá-me uma rosa,
craveiro dá-me um botão
que bem feliz um dia
te darei meu coração."

Foi uma época de encantamento no alegre Reino de Pedro Leopoldo. A verdade é que mais de sessenta anos já se passaram. E toda aquela gente se foi. Já não há mais ninguém daquele tempo entre nós, nem mesmo as meninas-moças das cantigas de roda. Nem aquelas casas de telhados com formato de duas meias-águas e seus bem cuidados jardins. Já não há naquela rua uma só casa com jardim. E tudo, as casas, os jardins com a beleza de suas flores e de suas folhagens, continua bem vivo em minha memória. E há momentos que sinto o desejo de ser um grande pintor para poder pintar, com a força da saudade que tenho na alma, aquelas casas e aquela gente. Uma maravilhosa época de encantamento da saudosa Rua de São Sebastião...

Sei que seria bem pior se estivesse despedindo-me de minha terra para ir morar

em uma cidade distante. Mas mesmo assim, após tantos anos, com tantas mudanças que houve, é grande a minha saudade. Havia jardins naquela época, havia a presença alegre de nosso inesquecível conterrâneo Chico Xavier. Jamais me esquecerei dos dias em que o via passar apressado na frente da porta de minha casa. De fato, Chico nasceu em Pedro Leopoldo; mas teve uma vida melhor em Uberaba. Nós de Pedro Leopoldo sabemos disso. Uberaba deu a Chico mais conforto, mais tranquilidade.

Em Pedro Leopoldo ele teve uma vida muito difícil. Sua infância e sua juventude foi cheia de sofrimento e dificuldades. Depois veio o desassossego. Dizem que santo de casa não faz milagre. Mas isso não aconteceu com Chico. E o pior foi que ele ficou famoso em uma terra de gente humilde. Gente que gostava dele. E quando passou a ser assediado por forasteiros, o povo em geral procurava ajudá-los a encontrá-lo. Principalmente aos forasteiros humildes que vinham de longe em busca de seu amparo. Havia também os que agiam da mesma maneira por interesse financeiro: os donos de pensões, de hotéis, de bares, os taxistas. E também os que procuravam agradar os políticos importantes, os

ricos, os maiorais da imprensa... E a coisa chegou a ponto de ele, antes de mudar-se para Uberaba, não ter tempo nem para almoçar...

E o resto, o que se conta de perseguição, está apenas recheado de fantasia. Tanto os espíritas quanto os católicos, todos gostavam de Chico. A pressão não veio de nossa terra, veio de Belo Horizonte através de um frei, de um jornal e de um de seus sobrinhos. E parodiando aquela música dos velhos seresteiros eu pergunto: "Quem não gostava dele de quem gostaria?"

Que Chico tinha saudade de Pedro Leopoldo, todos nós sabemos que tinha. Ele amava Pedro Leopoldo tanto quanto eu. Estava sempre telefonando para nossa terra. E vinha muito aqui. E escrevia para os amigos.

O interessante é que um dia, muitos anos após ele ter ido para Uberaba, um time de futebol juvenil de salão de Pedro Leopoldo, que estava disputando o campeonato mineiro, foi jogar em Uberaba. E os meninos acabaram conseguindo fazer uma visita ao conterrâneo Chico Xavier. E ele os recebeu com a alegria de sempre. E lá um momento, quando estava conversando com os meninos, ele parou os olhos em um deles,

apontou o dedo para ele e disse: Esse aí é filho de Zé Issa. E era. Era meu filho Marcos que nasceu quando ele já morava em Uberaba. Meu filho que hoje é médico e lembra-se disso com saudade.

E volto a repetir: o pior é que tudo se foi, e todos se foram. E se foram para sempre, embora estejam bem vivos em minha memória e em minha saudade.

Lá se foram meus amigos Chico de Loura e Pachequinho, quando ainda posso ouvir nas noites a bonita voz de um e o gostoso som do violão de outro...

A verdade é que muitos e muitos anos já se passaram; mas naquele tempo eu sentia que nada acabaria, parecia que tudo estava impregnado de eternidade. E tudo passou, mas vive em minha alma como uma mistura de sonho e encantamento. Pétalas caídas, de alegres cores, que só desaparecerão quando a morte ocupar o lugar da vida.

Pensando bem, há neste mundo uma infinidade de acontecimentos que vão além de nossa imaginação. O trabalho de nosso cérebro, com a grandeza do raciocínio e da memória, o maravilhoso funcionamento conjugado dos órgãos de nosso corpo para manter a vida. E até mesmo o que sonhamos quando estamos dormindo. E ao acordar percebemos que tudo aquilo que nos alegrou ou assustou não existiu. O ovo, uma mole e nojenta massa amarela, rodeada de viscosa baba incolor, dentro de uma frágil casca branca, sem a menor entrada de ar, sem o menor sinal de vida, de onde costuma sair, graças a uns poucos dias sob o calor materno, um magro e pelado filhote de passarinho. Magro e pelado filhote de passarinho que ganha penas e aprende a voar e a cantar. E pouco tempo depois, no galho de uma árvore, um sabiá, com sua doce

melodia, passa a ajudar as árvores e as flores a botarem mais beleza neste mundo de Deus.

> "..,
> e pelas várzeas que emudecem
> com os derradeiros sabiás..."
>
> (Vicente de Carvalho)

O interessante é que há mais de cinquenta anos Chico Xavier psicografou o soneto "Vida", da poetisa Auta de Souza, poetisa que nasceu em Maracaíba, Rio Grande do Norte, em 1876. Publicou um único livro, e faleceu em 1901. A verdade é que eu nunca tinha ouvido falar nessa poetisa. Só fui saber de sua existência através do livro "Iniciação à Poesia do Rio Grande do Norte", da professora de Literatura da UFMG, Constância Lima Duarte, em 1999. Em 1940, época em que o soneto foi psicografado, eu estava com 17 anos e Chico Xavier com trinta. Ele morava ainda na Rua de São Sebastião, na casa em que eu disse que não vi livros nela. Fica aí um acontecimento para ser estudado. Pode ser

que houvesse o livro dessa poetisa em alguma casa da cidade de Pedro Leopoldo naquela época. Pode ser. Nada é impossível neste mundo!... Ou talvez uma revista com poesias dela!... Mas Pedro Leopoldo nessa época era uma cidadezinha muito pobre, de poucos habitantes, de difícil acesso... Acontece que, como procurei mostrar, a vida é cheia de mistérios. E esse era mais um dos pequenos mistérios da vida. Vida que, na minha humilde opinião, é um grande mistério. Por que então o desentendimento entre católicos e espíritas; se catolicismo e espiritismo são, pode-se dizer, religiões paralelas que seguem os ensinamentos de Jesus? Discordam, é verdade, na mediunidade e na reencarnação; mas podem viver em paz seguindo esses ensinamentos, principalmente aquele em que Ele pede que amemos uns aos outros.

Guimarães Rosa em seu livro "Grande Sertão: Veredas" deixa entrever que o bom é evitar tal discórdia... Ou, no caso de Riobaldo, que considera que o melhor mesmo é estar do lado de Deus do que do lado do Demônio. E para não estar do lado do Demônio o bom é ficar do lado de Deus. E afirma:

"Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito todas. Bebo água de todos os rios. Uma

só para mim é pouco, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo, e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina de Cardéque. Mas quando posso, vou ao Mindulim onde um Matias é crente metodista..."

A vida é uma incógnita com horas boas e horas difíceis, os sonhos gangorram... E o preferível, como diz Riobaldo, é ficar do lado de Deus do que do lado do Demônio. Tudo como o mar: às vezes tranquilo, sonolento, cheio de ternura, embalador; às vezes violento, todo fúria, ameaçador...

O que temos de fazer é aproveitar os bons momentos que ela nos oferece. Colher as flores que brotam em todos os campos. Que são bonitas e não são poucas...

E T. S. Eliot escreve coisa estranha e misteriosa sobre a vida. Coisa capaz de nos fazer meditar horas a fio:

"... E o fim de nossa viagem será chegar ao lugar de onde partimos e conhecê-lo então pela primeira vez..."

O céu estava enfeitado de papagaios de papel, de alegres cores, que ondulavam de um lado para outro... Era tempo deles...

Sentado na varanda de minha casa senti que já estava velho, bem velho. Os espelhos, a certidão de idade, o desânimo mostravam-me isso. E, sem que nem para quê, cresceu em mim uma profunda saudade do passado. Saudade de minha terra dos dias de antigamente, de quando em suas ruas, ainda sem calçamento, havia poucas casas e os telhados eram em duas meias-águas, as cercas de pau-a-pique, e o sol buscava aquecer, sem sucesso, o ar frio das manhãs. Os postes da rede elétrica das ruas eram de aroeira, e pousadas nos fios cochilavam, à tardinha, as

tranquilas andorinhas. E tudo dando a impressão de impregnado de uma doce luz de eternidade. Mas quando eu menos esperava, tudo passou, deixou apenas saudade. Saudade de quem viveu toda sua vida na doce cidadezinha em que nasceu. Houve, é verdade, uns poucos anos de estudo fora, mas havia as férias do meio e do fim do ano, férias que me faziam amá-la com mais força. E em todo o tempo meu coração foi por bonitos sonhos iluminado. Sonhos que me acalentaram no passado e que me acalentam no presente. Saudade de minha terra do meu tempo de menino, de quando havia por toda a parte bonitas árvores, alegres riachos de águas claras, inquietos pássaros cantadores. Roças, muitas roças, a maioria delas com espantalhos de chapéu de palha e braços abertos. Espantalhos criados para manterem longe delas os pássaros comedores de sementes. E como era comum a maioria deles pousar nas roças, comerem sementes, sem temer os espantalhos, havia uma cantiga jocosa que dizia: “De dia os pássaros pousam nas roças, comem sementes, cantam nas árvores, voam de galho em galho, mas na hora de dormir preferem sempre os chapéus e os braços dos espantalhos...”

Falando em pássaros, lembrei-me de um morador de Ferreiras, chamado Chico Negocinho, que me contou que as garças das margens do Ribeirão das Neves, próximo do Lanara, estavam aparecendo agora em Ferreiras. E eram muitas garças com seus ninhos nas copas das árvores, dando mais beleza à paisagem...

Chico Negocinho!... Não sei dizer de onde lhe veio esse apelido, morava em Ferreiras, um pequeno lugarejo de Pedro Leopoldo, cheio de pássaros bonitos e cantadores: canários, papa-capins, patativas, sabiás, sofrês e muitos outros. Pedro Leopoldo era e é hoje rodeado de lugares bonitos, com grutas, lagoas, matas verdes, riachos de margens floridas, cachoeiras, festas, muitas festas. O apelido de Chico Negocinho, como disse antes, não sei de onde veio. De outros apelidos, às vezes costumo saber. Por exemplo: "Pacote". Era um homem que morava na Rua da Boiada. Ficou com esse apelido porque a mãe, quando ele ainda era pequeno, mandou-o comprar um pacote de maizena no Armazém de Zé Pedro. E no caminho, por segurança, ele foi repetindo: "Um pacote de maizena, um pacote de maizena..." E dois colegas de escola ouviram aquilo e acharam engraçado. E daí

o apelido de "Pacote de Maizena", que com o tempo foi simplificado para "Pacote". Havia também um mulato baixo e barrigudo, cambota, de pés grandes, que andava quase sempre mal vestido, que tinha o apelido de Gostoso. Nunca soube o motivo desse apelido, estranho apelido para aquela figura que parecia ter um acentuado parentesco com Sancho Pança. Havia a conversa de que a avó, corujona velha, quando ele era pequeno, costumava chamá-lo: "Vem cá, meu gostoso, dar um beijinho na vovó!" Mas parece que isso era apenas invenção do povo, não sei.

Foi engraçado aquele dia em que uma senhora que morava perto da loja de minha mãe, mulher bonita e bem vestida, apareceu no portão de sua casa e, quando ele descia da calçada para cruzar a rua, gritou: "Gostoso, ou gostoso!..." E ele parou e olhou para ela. E ela disse: "Você tratou de vir ontem e não veio!..." E ele explicou que foi porque não teve tempo. Mas que no dia seguinte apareceria sem falta. E ela ainda insistiu: "Estarei esperando por você!..."

E um viajante que, de mala na mão, parara na porta da loja de minha mãe e ficara atento a esse diálogo, olhou para mim e disse: "Coisa estranha!... aquela mulher chamando aquele

sujeito de gostoso!..." E eu expliquei a ele que o homem trabalhava consertando instalações de água e esgoto das casas, e tinha o apelido de Gostoso. E ele riu, e ficou rindo quase o tempo todo em que esteve na loja. Ficava sério por alguns minutos, e de repente voltava a rir. Não fiquei sabendo o que o fazia rir, mas acredito que era por ter pensado que a mulher chamara aquele homem de gostoso por outro motivo...

E havia também em nossa terra um rapaz com o apelido de Chá Preto e um velho com o apelido de Margoso. Penso que tinham esses apelidos porque eram de cor preta, principalmente Margoso. O café quanto mais preto mais amargo, e ele era muito preto. E havia também em Pedro Leopoldo um solteirão casmurro que tinha o apelido de Serrote... Ele tinha o corpo com o formato de um grande serrote. Era alto e magro, as costas retas, a barriga em sua parte mais baixa, próximo das virilhas, bem para a frente. E ia diminuindo aos poucos até o peito. E o peito seguia a mesma linha da barriga, ia diminuindo até o pescoço, que era bem fino. A cabeça com seus cabelos ralos era mais comprida que redonda. A verdade é que ele, olhado de lado, fazia lembrar um grande serrote. Tinha uma

pequena mercearia na cidade. Era um solteirão que não gostava de festas nem de namorar.

De repente, sem quê nem pra quê, apareceu fantasiado de Miss Brasil em nosso boi-da-manta. Usava um vestido de seda azul muito justo e muito curto e uma larga faixa branca, com um "Miss Brasil" em letras douradas, a tiracolo. Na cabeça uma cabeleira loura, com uma coroa de metal amarelo. Caminhava com dificuldade sobre dois compridos sapatos de salto alto. A cabeça erguida, a fisionomia triste. Uma tristeza que fazia lembrar a tristeza daquele respeitável professor do filme "Anjo Azul" quando passou a ser humilhado impiedosamente pela mulher que amava.

Dois anos seguidos, fez muita gente rir, desfilando em nosso boi-da-manta vestido de Miss Brasil. No terceiro ano não voltou a desfilar. Fiquei sabendo que ele tinha morrido. E o boi-da-manta continuou com a alegria de sempre. Assim era e é Pedro Leopoldo, uma cidade sempre alegre, rodeada de bonitos lugarejos, todos eles com muitos pássaros cantadores, importante história, bonitas estórias, e em cada canto um encanto. Muitas festas, muita música, muita alegria... Saudade de tudo que ficou no

passado. Saudade de suas bonitas canções... Às vezes, na rua, vindo da eletrola de um bar, a voz de Carlos Galhardo, de Orlando Silva, de Vicente Celestino, de Aldemar Dutra e de muitos outros cantores do passado, deixam-me comovido. Assim foi, assim é e sempre será Pedro Leopoldo.

Tá caindo saudade,
tá caindo agora;
tá caindo aqui dentro,
tá caindo lá fora.

Tá caindo fulô,
tá caindo no chão;
tá caindo saudade
no meu coração.

Tá caindo fulô,
tá caindo alegria,
tá caindo de noite,
tá caindo de dia.

Espero que perdoem este velho que escreveu essa lengalenga embalado pela força da saudade. Esse "Tá Caindo Fulô" era cantado numa festa de Senhora do Rosário, numa casa do caminho de

Várzea Alegre, que desapareceu com a chegada da fábrica de cimento.

"Se queres compreender o que é saudade...
Saudade é solidão, melancolia.
É nostalgia, é recordar, viver..."

(Renato Teixeira)

Nas ruas desta cidade
quero andar, quero sorrir;
nos bares desta cidade
quero beber, quero ouvir músicas alegres;
na festa de nosso boi-da-manta
quero dançar, quero cantar,
quero tirar o amargo da alma,
quero te beijar!...

E espero que me perdoe,
mas um beijo vou te dar!...

Já estou velho, bem velho;
mas não consigo esquecer aquele beijo.

A vida era tranquila,
a vida era boa,
embora durasse menos.
Havia quem dissesse:
A vida é curta, a vida voa,
mas dona Laura doceira
continua sempre boa.

Sobre nossos ombros o mundo pesava menos,
o coração sentia dificuldade em trocar
um amor velho por um amor novo.
Era menos exigente a mulher amada,
o mesmo acontecia com os filhos,
a violência era coisa de nada...

Hoje está tudo mudado,
a travessia cada dia mais perigosa,
o demônio cachimbando nas noites,
fumaça negra espalhando-se no espaço,
ladeiras íngremes de pedra e sal
enfraquecendo a força do bem,
fortificando a força do mal.

Era comum, nas ruas de nossa terra, alguém cumprimentar Chico Xavier dizendo:

– Salve nosso grande Chico!...

E ele respondia:

– Quem sou eu, meu filho!...

E dava uma boa risada.

Há no livro "Há 2000 Anos" de Chico Xavier uma poesia que está bem viva em minha saudade. Quando a li pela primeira vez eu era jovem e estava com a alma florida para o amor. Foi um tempo de sonhos que passou. Mas essa poesia não perdeu em mim sua beleza.

Vou transportá-la para este livro na esperança de que ela o enfeite com sua ternura. Não vou falar de seu valor literário. Não é este o meu ramo. Lembro-me apenas da emoção que senti ao lê-la pela primeira vez e que continuo a sentir até os dias de hoje.

"Alma gêmea de minhalma,
flor de luz da minha vida,
sublime estrela caída
das belezas da amplidão!...
Quando eu errava no mundo
triste e só, no meu caminho,
chegaste devagarzinho,
e encheste-me o coração.

Vinhas na bênção dos deuses,
na divina claridade,
trazer-me a felicidade,
em sorrisos de esplendor!...
És meu tesouro infinito,
juro-te eterna aliança,
porque eu sou tua esperança,
como és todo o meu amor."

"Se o atacarem pela imprensa falada ou escrita, ou de qualquer outra maneira, não aceite a provocação, não responda. Sem querosene a lamparina não continua acesa. "

Não ouvi isso na voz de Chico Xavier; mas pude vê-lo agir assim duas vezes.

Parece até fantasia; mas já o vi um dia concordar com certa pessoa que o atacou com mentiras em um pasquim de nossa terra.

Neste mundo temos de possuir uma paciência de Jó, pois o tempo tem natureza de burro empacador. Na hora que a gente quer que ele ande depressa, ele empaca; na hora que a gente quer que ele empaque, ele anda depressa:

Fique numa cama de hospital, após uma semana de internamento, esperando o médico

chegar para lhe dar alta. E aí você verá como o tempo custa a passar, isto é como o tempo empaca. E o pior é que nessas horas os médicos sempre atrasam.

Agora, entre com uma moça, que você ama, num alegre e bonito salão de baile, com uma orquestra cujas músicas nos fazem sentir um gostoso desejo de dançar. E você e sua companheira, bem felizes, atenderão esse desejo. E aí verá como o tempo voa. Quando anunciarem que a orquestra irá tocar a última música, você vai achar que estão brincando!...

E aí volto eu, com quase noventa anos de idade, com um balaio de saudade, a enveredar pelo caminho da poesia. Aí volto eu, mesmo sabendo que não sou bom no ramo, a espremer meus ressequidos miolos em busca de alguns versos. Como já li certa vez, não me recordo onde:

"Uma poesia que não é concreta nem abstrata. Apenas papel com letras para comida de barata..."

Quanto mais aumenta minha idade,
Mais cresce minha saudade.

Gostava de falar num ribeirão de águas claras, com fartura de peixes e gorjeio de pássaros agradáveis de se ouvir. Agora o ribeirão está aí, o Ribeirão da Mata, para quem quiser ver: magro, sujo, feio, sem peixe, uma tristeza, pelo prazer de me desmentir.

São coisas da idade:
na mocidade cresce a esperança,
na velhice tudo é saudade...

Os pássaros iam das roças para as árvores,
cantavam, voavam de galho em galho,
mas para dormir,
preferiam os braços dos espantalhos...

A casa em que eu morava com minha mãe era velha, quase sem nenhum conforto, sala com móveis humildes, a imagem do coração de Jesus em uma das paredes, e na outra parede, voltada para ela, a imagem do coração de Maria. Imagens que ficaram ali cerca de vinte e cinco anos. E hoje estão nas paredes da copa da casa em que agora moro, uma de frente para a outra, há mais de cinquenta anos...

A vida chega oferecendo um mundo de esperança,
mas em pouco tempo tudo passa,
e o vento da despedida só encontra para desmanchar
uma pequena e leve nuvem de fumaça.

Minha mãe levou uma vida de trabalho, atendendo fregueses no balcão de sua humilde loja. Uma vida sem festa, sem dança, sem sobremesa, sem férias, sem qualquer diversão. Apenas trabalho e economia e um grande medo de voltar às dificuldades por que passara. Quando, nas frias noites de junho, diante do espelho, eu me preparava para ir a um baile, dizia com ternura: se você for dormir tirará mais lucro... E eu sorria e dizia comigo: Mais lucro tirarei dançando agarradinho com a bonita e dengosa namorada que me espera!... Mas hoje meu coração me diz que nenhuma daquelas namoradas, mesmo a mais querida, deu-me um amor igual ao que ela me deu. E pensando nela lembro-me de sua luta, de seu sorriso, de seus brincos de libra esterlina e digo comigo:

Ah, minha mãe, minha mãe, moça nenhuma, mesmo a mais querida, ofereceu-me um amor igual ao seu!

Ouvi Chico Xavier dizer um dia:

"Se o amor de mãe brotasse em flor, o mundo seria todo ele um jardim de muita beleza!..."

Pelo espelho do céu, minha rua e minha terra eu conheci. Sua gente era alegre e boa. Só quem um dia olhou o mundo pelo espelho do céu será capaz de me compreender. A minha primeira viagem foi por suas ruas, no começo pela humilde rua em que nasci, com suas alegres histórias e risos e canções. Era uma acolhedora cidade com mágicos e fadas. Ali o amor floria com mais ternura e beleza que em outros lugares. E havia um mágico que colhia sonhos e esperanças na luz das estrelas para oferecê-las aos sofredores e aos aflitos... E eu a amei do dia em que nasci até este momento, já quase no fim de minha vida. E amei seu céu, suas flores, seu sol, que na infância pintei a lápis de cor. O único acontecimento que levava sombra à alegria daquele tempo era quando morria alguém, e a gente sentia que também teria de morrer. Mas, felizmente, só os pessimistas acreditavam que isso iria um dia acontecer. Parecia que tudo aquilo seria para sempre, as pessoas, as casas, até os pássaros, as borboletas e as flores.

No mistério do Sem-Fim,
Equilibra-se um planeta.
E, no planeta, um jardim,
E, no jardim, um canteiro;
No canteiro, uma violeta,
E, sobre ela, o dia inteiro,
Entre o planeta e o Sem-Fim,
Uma inquieta borboleta.

Cecília Meireles

Entrevistado pelo jornalista da Folha de Pedro Leopoldo, no dia em que a cidade festejava seus 87 anos, o competente e estimado psicólogo Artur Joviano, que nasceu e embranqueceu os cabelos sempre morando em nossa terra, disse:

"Tenho imenso orgulho de ser pedroleopoldense, pela insanidade geral e o brilho alegre de nosso povo."

Falei da pessoa de nosso psicólogo quando ele ainda era jovem, com apenas dois anos de formado, numa alegre noite de nosso boi-da-manta, no meu livro: "Coisas do Reino de

Pedro Leopoldo - 1." Contei o que ele disse a um fantasiado de cara coberta de alvaiade que, encostado ao muro do Grupo Escolar Rui Barbosa, sem conseguir andar de tão bêbado, olhou para ele e gemeu: "Estou bêbado, companheiro, muito bêbado, se tentar andar vou cair!..." E o jovem psicólogo, que também não estava bom das pernas, respondeu: "Assim é que é bom, irmão, assim é que a gente vai chegando mais perto do céu!..."

Há um planeta que se equilibra no espaço. E no planeta há uma bonita flor. Flor que para nós é a única no mundo... E para onde formos vamos sentir saudade dela, e um imenso desejo de protegê-la... E é assim que nasce a felicidade de nosso povo. Felicidade que vem da insanidade geral e da alegria de que fala nosso querido psicólogo, misturadas aos sonhos e às fantasias em torno dessa flor. Insanidade geral misturada ao nosso amor à música, às festas, aos sonhos, à alegria... E a olhar nossa terra, nossas ruas, nossa gente pelo espelho do céu... Quem nunca olhou a vida pelo espelho do céu não me entende, nem ao psicólogo Artur Joviano, meu conterrâneo, que acredita que aquele que bebe de nossa água fica com a alma presa a nossa terra...

"Temos sentido muito pouca alegria. Este, somente, é nosso pecado original."

Nietzsche

Segundo nosso estimado Psicólogo Artur Joviano, a pouca alegria reclamada por Nietzsche não existe em nossa terra. O que existe e sempre existiu em nossa terra é a insanidade geral, hoje um pouco menos acentuada, recheada de sonhos e fantasias, ligada à música e às festas. Em cada canto um encanto, muito sonho, muita alegria. Além dos circos que apareciam na cidade mais de três vezes por ano e tinham participação importante em nossa alegria. Mas acontece que os circos estão chegando ao fim, embora haja os que acreditam que os circos jamais passarão...

Eu era menino, jogava bola descalço nas ruas, e às vezes um dos jogadores do time adversário batia com força a sola do pé nos dedos da gente. E a dor era muita, principalmente em tempo de frio. Dor de fazer a gente pular e assobiar. Nessas horas a gente sempre desejava ser o dono da bola. Os dedos dos pés do dono

da bola eram sempre mais respeitados, porque quando um ou mais de um dos dedos dele era atingido, ele pegava a bola e ia embora com ela, e o jogo acabava. E também quando ele dizia que era pênalti, tinha de ser pênalti, senão ele ia embora com a bola. Eu era o menino que olhava esta cidade pelo espelho do céu. E gostava de ver a banda passar cantando coisas de amor, e de acompanhar o palhaço de pernas de pau que corria as ruas da cidade anunciando o circo. O palhaço de pernas de pau que tinha de se abaixar para passar sob os fios da rede elétrica...

Palhaço:
"Oi, baixa o sol,
suspende a lua!..."
Meninos:
"É o palhaço
que está na rua!..."

"E o tempo passou na janela, e só Carolina não viu..."

Mas, pelo espelho do céu, eu vi o tempo passar. E acumulei saudades... Daí a quantidade de retalhos de saudade neste humilde livro. Devia ter bem menos. Quando parei de rir,

devia ter parado de escrever. Como se diz no futebol: "Devia ter pendurado as chuteiras." Parei de rir porque minha boca ficou sem dentes, imprópria para o riso. Eu devia ter feito como os palhaços, pintado ao redor da boca um riso de vermelhão. Um grande riso de vermelhão. E assim estaria sempre rindo, mesmo quando estivesse chorando...

Palhaço:
"Farinha na cuia,
água no balde!..."
Meninos:
"É o palhaço
que está na cidade!"
Palhaço:
"Em noite quente
ou noite fria!..."
Meninos:
"Moças bonitas
e muita alegria!..."
Palhaço:
"E o palhaço que é?"
Meninos:
"É ladrão de mulher!..."

E havia uma rapaz magro e desengonçado que morava na Rua do Mata-Burro e vendia pirulitos na porta dos circos. E quando ele gritava:

– Olha o pirulito!...

Havia sempre uma voz de menino que viha de longe:

– De cocô de cabrito!...

E logo a resposta nervosa:

– De cocô da mãe!

E quando os circos começaram a perder fôlego, a alegria ganhou corpo em nosso Clube Social. Nossos filhos já estavam crescidos. Belas aquelas noites... Natércia sorrindo... Mais de quarenta anos de casados, o lança-perfume já estava proibido. Era bonito aquele sorriso, o mesmo sorriso de quando a vi pela primeira vez... Naquelas noites sobrava alegria... Quanto riso, oh, quanta alegria, mais de mil palhaços no salão... Hoje é tudo saudade... O circo agoniza, o carnaval agoniza, apenas o boi-da-manta é alegria... Uma animada e gostosa bandinha e

mais de mil foliões alegrando nossa gente, nossas ruas!...

E minha rua era uma simples e humilde rua,
não tinha calçamento, não tinha calçada,
não tinha carros, não tinha nada,
mas nela a gente vivia
alegre e sossegada.

Às vezes fecho os olhos para ver aquela rua,
trazê-la para perto de mim:

Ouvir as meninas em flor
cantando cantigas de roda
cantigas que falavam
em saudade e amor,
saudade e amor no coração.
E delas a mais bonita e mais alegre
morreu ainda em botão.

E havia o alto-falante da igreja em que o padre anunciava as mortes. E na porta da casa em que vendiam cocada branca, caramelo,

amendoim torrado, um menino gordo, que tinha um parafuso de menos na cabeça, após o padre anunciar aquelas mortes, olhava para quem passava e perguntava:

– É a primeira vez que ele morreu?

E eu respondia que era... E que a sorte do homenageado era que ele não ia ter de morrer outra vez... Era no que eu acreditava...

Vai o tempo,
galopa o tempo,
e como o tempo
corre o vento,
corre a mocidade,
logo perdida,
como tudo
corre a vida...

E logo acaba
e é esquecida

Inesperadamente meus cabelos embranqueceram e, sem quê nem para quê, cresceu em mim profunda e teimosa saudade. Saudade de minha terra dos tempos de antigamente. Saudade de seu tranquilo amanhecer, as ruas ainda descalças, gorjeios de muitos pássaros. O sol buscando aquecer, sem conseguir, o teimoso frio das manhãs. Saudade, sempre saudade, saudade de seu tranquilo entardecer. As cadeiras nas calçadas, alegres vozes de meninas moças cantando cantigas de roda. Saudade!... mugido distante das vacas das fazendas. E nas ingazeiras das margens dos córregos os derradeiros cantos dos sabiás...

Saudade, saudade de minha terra
dos dias de antigamente.
Quando, nas manhãs ainda escuras,
vinha dos brejos ao longe,
o canto das saracuras.

Tomado de profunda tristeza,
naquela tarde chuvosa e fria, eu vi
pálida e bela jovem,
em seu leito estendida,
já sentenciada pelos médicos
a poucos dias de vida.

Lá fora a chuva batia de leve
na embaciada vidraça da janela.
Pequena gota de água vez por outra escorria,
como se fosse uma lágrima perdida,
derramada pelo triste fim daquela vida.

E eu dizia comigo:
deve haver alguma coisa de nós desconhecida,

para compensar tão comovedor acontecimento.
Sublime poder além da vida
capaz de transformar dor em flor.
Misteriosa e terna encantação,
como quando o luminoso rosa da aurora
ocupa o lugar da escuridão.

"Sapo não pula por boniteza,
Pula por precisão..."
"Está com a pulga atrás da orelha."
"Vai acabar levando a vaca para o brejo!"

Vou escrever aqui algumas das expressões que ouvi na voz dos moradores da Rua de São Sebastião, no tempo em que ela ainda não tinha calçamento e os postes de sua rede elétrica eram de aroeira. Ah, meu Deus, como a felicidade se espalhava por toda ela e por todas suas casas naquele tempo. Parecia até que o ar sorria em volta de tudo, de todos seus moradores.

Lembro-me de todos eles, até mesmo das roupas que vestiam, das casas em que moravam, e das flores dos seus jardins. Foi uma época de dificuldade, mas de muita união, de muita bondade e muita fé em Deus.

E quanta ternura nas pequenas flores de um branco azulado de bela-emília do jardim da casa de Merém Doceira.

Mais de setenta anos de lá para cá já se passaram; mas tudo continua bem vivo na minha saudade, até mesmo suas toalhas bordadas a mão, as louças baratas da casa cor-de-rosa de Maximino e da casa branca de João Cândido, com o cachorro Lord dormindo na calçada.

A rua de chão de terra e capim, com os postes de aroeira da rede elétrica, as poças d'água tremendo com os pingos da chuva, ou, após a chuva, tranquilas, com leves reflexos da luz do sol e do azul do céu.

Volto a repetir: vou escrever aqui algumas das expressões que ouvi na Rua de São Sebastião dos tempos de antigamente. Expressões que hoje dificilmente ouço:

1) Não é flor que se cheire.
2) Preguiçoso feito gato de armazém.
3) Quando vê muita esmola o santo desconfia.
4) Pode tirar o cavalo da chuva.
5) Quem pariu Mateus que o balance.
6) Dar com os burros n'água.
7) Vai assombrar Isidoro.
8) Vou contar o milagre, mas não vou contar o santo.
9) Devagar com o andor que o santo é de barro.
10) Está devendo os olhos da cara.

Poderia continuar escrevendo expressões usadas naquela época durante muito tempo, mas vou parar por aqui. Só vou escrever mais uma que me lembrei agora e que era muito usada pelas mulheres quando um namoro ou um noivado de uma boa moça com um mau rapaz acabava. Ouvi esta expressão na loja de minha mãe algumas vezes:

11) Sorte dela: antes na peça que mal cortada!...

Aqueles que me querem mal,
Ou por infeliz loucura
procuram impedir-me de ser feliz,
espalhando pedras pelos caminhos,
no desejo de fazer crescer minha amargura,
ou de não me deixar ouvir cantar os passarinhos,
será bom se lembrarem que a vida não corre,
a vida não escorre, a vida voa.
E em breve, com orações e flores,
em um sombrio ou ensolarado dia de finados,
por corações contritos
seremos todos homenageados.

Vivendo com a gente humilde e boa de minha terra os anos que vivi, a vida tornou-se para mim dias de sonho e poesia. O que me enche de desejo de voltar a vivê-la. Embora já esteja velho não consigo virar as costas aos saudosos dias do passado.

Os anos passaram, a cidadezinha cresceu. Muitos amigos e muitas esperanças o tempo levou. Ficou comigo doce saudade daquela época. Época de agradável e suave ternura. Ternura do canto meigo de uma patativa, ternura de flores se abrindo. Achei interessante no dia em que ouvi Iolanda da Sambambaia , poetisa de nossa terra naquela época, dizer que achava que Chico Xavier, quando colhia versos nas noites, devia ouvir palavras cheias de ternura na doce voz das estrelas. E, para ser melhor compreendida, repetia um trecho da poesia "Ouvir Estrelas" de Olavo Bilac: "Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas..." E foi envolvido pela saudade do passado, que sempre me acompanha, que fiquei sabendo de um pequeno acontecimento com três de meus filhos. Acontecimento que até hoje me deixa na dúvida

se eles estavam no caminho certo ou errado. E que passo para a frente a meu modo.

Acontece que eles moravam, quando estudavam em Belo Horizonte, em um pequeno apartamento do Edifício Brasília, na Rua dos Carijós. E uma madrugada quando voltavam de uma festa na casa de um colega, viram, na rua em que moravam, três pivetes, que tinham quebrado a vitrina de uma loja, roubando bombons. Os dois maiores, na ponta dos pés, de braços estendidos, colhiam bombons no alto da prateleira. E com eles iam enchendo os bolsos da calça. O menor, bem mais novo que os outros dois, fazia de tudo para alcançar os bombons e não conseguia...

Foi aí que Lucas, um de meus filhos, o mais forte deles, foi até onde estava o menino, ergueu-o nos braços. E ele, apressado, encheu de bombons os bolsos da calça e um pequeno vão da camisa.

E quando Lucas o deixou no chão, olhou para ele, sorriu, um sorriso de felicidade e agradecimento, e correu ao encalço dos companheiros que já tinham desaparecido na primeira esquina. Os dois irmãos de Lucas chamavam aquela aventura de doideira de

Lucas, enquanto Lucas achava-se no direito de ter agido como agira. E eu fiquei sem saber o que dizer. Apenas fingi indiferença e no fim murmurei que não era bom eles se envolverem com aqueles meninos de rua. Mas no fundo do coração sentia um grande desejo de ver a carinha do menino que, nas mãos de Lucas, colhia apressado os bombons da prateleira ou quando, com os bolsos da calça e o vão da camisa cheios de bombons, saiu correndo ao encalço dos companheiros.

Embora aqueles meninos tivessem vida diferente de meus companheiros do passado, senti saudade dos dias em que vivi entre a gente humilde de minha terra, seguida de uma teimosa vontade de chorar...

" É gente humilde
que vontade de chorar!"

(Vinícius de Morais
e Garoto)

Festa do boi-da-manta:
ora de beber, de dançar para valer,
no alegre mês de fevereiro,
de deixar lavada a alma e o coração
das amolações do ano inteiro.

Foi numa alegre noite de fevereiro que eu e Natércia saímos de casa para a festa do boi-da-manta. Na Rua Herbster, quase chegando à Rua Comendador Antônio Alves, encontramos um casal de conhecidos, já de idade avançada, cujos nomes prefiro não mencionar. Como se diz por aqui: conto o milagre, mas não conto o santo. Ele com seus 88 anos e ela uns 4 anos mais nova

do que ele, mas que, segundo ouvi dizer, estava com o princípio de arteriosclerose cerebral. E os dois nos cumprimentaram mais alegres do que de costume. Coisa comum nos dias do boi-da-mana. E eu perguntei a eles aonde estavam indo, pois sabia que não moravam para aqueles lados, e a festa do boi-da-manta estava na rua de onde vinham. E a mulher logo respondeu cheia de entusiasmo que ela e o marido estavam indo dançar no "Salão do Fubá". E que ela já estava ouvindo a Banda de Quilélia tocando "Bandeira Branca". E começou a cantar a bonita marchinha. Até que ela tinha voz bonita. E o marido nervoso, dizendo a ela que havia mais de trinta anos que não havia baile no Salão do Fubá. E Natércia e eu sem saber o que dizer. Porquanto, de fato, o Salão do Fubá estava com as portas fechadas havia mais de trinta anos. Mas a mulher não cedia. Queria porque queria brincar no Salão do Fubá. E só parava de cantar para afirmar que o marido era um choco, um homem choco, que não gostava de festas. E pegou da mão de Natércia e puxou-a na direção em que ficava o Salão do Fubá. E Natércia explicando a ela que não podia voltar, porquanto nossas filhas estavam nos esperando no passeio do Bradesco. Mas que mais tarde se encontraria com ela no Salão do Fubá. Mas ela

nem ouviu as explicações de Natércia, continuou cantando Bandeira Branca e foi levando o marido pela mão na direção do Salão do Fubá. Aquela mulher estava com arteriosclerose cerebral, mas até que tinha bom gosto. Era mesmo de fechar o comércio aqueles bailes do Fubá, juntamente com a marchinha de carnaval Bandeira Branca. Uma marchinha de deixar saudade:

> "Bandeira branca, amor,
> não posso mais,
> pela saudade que me invade
> eu peço paz..."

E agora, cá entre nós, vou dizer uma coisa: com a idade que estou, se eu chegar a viver mais uns cinco anos, acredito que vou ficar meio desparafusado dos miolos, aí vou começar a procurar o Salão do Fubá cantando a marchinha Bandeira Branca. E Natércia, que daqui a cinco anos deverá estar com o mesmo desarranjo dos miolos, vai sair comigo da festa do boi-da-manta em direção ao Salão do Fubá cantando essa marchinha ou a marchinha Máscara Negra ou mesmo a marchinha Confete, que foi a marchinha do nosso primeiro encontro.

"Confete,
pedacinho colorido de saudade,
ao te ver na fantasia que usei,
confete,
confesso que chorei.
...."

E vai ser bom demais. Vai ser como se estivéssemos dançando nas estrelas...

Agora, se Natércia ou eu, antes de ficar desparafusado da cabeça, já tiver entregado a alma ao criador, fica o dito por não dito. E muita saudade desta Pedro Leopoldo, com sua alegre gente, que está em mim, que está nela. Como estava em nossa infância, em nossa mocidade e como está hoje. Cidade que, durante o tempo em que nela vivemos, foi toda e nossa vida, ajudou-nos a ser feliz.

É estranho o que acontece com certas marchinhas de carnaval. São marchinhas para a festa mais alegre do Brasil. Quatro dias e quatro noites de música e dança, quatro dias e quatro noites de alegria para lavar a alma das amolações

do ano inteiro. E no entanto as marchinhas mais bonitas e mais cantadas falam é de saudade, de amor não correspondido, de pranto. Deixo aqui o nome das três que mais gostei no passado, que continuo gostando hoje: Bandeira Branca, Confete e Máscara Negra. Já citei um trecho de cada uma das duas primeiras, vou citar agora um trecho de "Mascara Negra" :

"Quanto riso, oh,
Quanta alegria,
Mais de mil palhaços no salão.
Arlequim está chorando pelo amor da Colombina
No meio da multidão..."

Cinquenta e nove anos de feliz união,
no coração inesquecíveis momentos de felicidade;
cinquenta e nove anos de amor e ternura,
que vai-se misturando à doce saudade.

Relembrando hoje os alegres dias do passado,
apesar da vista pelos anos enfraquecida,
vejo-a naquela noite, na bonita fantasia de odalisca,
o sorriso a torná-la mais querida.

Guardo com nitidez na memória,
seus alegres traços da mocidade,
os cabelos salpicados de confete;
vejo que seu bonito sorriso
em nada mudou com a idade...

"Confete,
pedacinho colorido de saudade,
ao ter ver na fantasia que usei,
confete,
confesso que chorei..."

Eu e você é que sabemos, querida,
o quanto nos comove ouvir essa marchinha
e a sua importância em nossa vida.

Muita gente costumava parar na Praça da Estação Rodoviária, ao lado da Feira de Amostras, em Belo Horizonte, para ouvir os discursos de certos camelôs... Tinham facilidade para engabelar os ouvintes, os safados... Muita facilidade!...

Ele era um mulato magro, alto e alegre, tinha uma vendinha de uma porta só, com mantimentos, bebida alcoólica, fumo, querosene, e outras miudezas, na Rua do Mata-burro, perto do Cabaré do Jusa. Apareceu aqui em Pedro Leopoldo vendendo remédio. Um remédio para todos os males: para pressão alta, para pressão

baixa; para glicose alta, para glicose baixa, para dor de estômago, para asma... Sempre o mesmo remédio para todos os males: um cozimento de folhas e frutos raros, muito raros, dos escondidos da floresta amazônica. Andava de cidade em cidade vendendo o seu produto: um líquido vermelho escuro em pequenos frascos de vidro com rolhas de cortiça.

Naquele tempo os camelôs trabalhavam de modo diferente dos camelôs de hoje. Os camelôs de hoje param nas calçadas com bancas ou mostruários, ou andam nas ruas de porta em porta, apregoando seus produtos. Os daquela época, época de nosso camelô, paravam nas praças de maior movimento das cidades que visitavam e, através de conversa, de pequenas mágicas ou ainda por meio de instrumentos musicais, como flauta, saxofone, e até mesmo cavaquinho ou bandolim, procuravam fazer com que o povo se reunisse em sua volta. E só após conseguirem atrair um bom número de pessoas para ouvi-los é que começavam a fazer a apresentação de seus produtos.

O camelô do qual estou falando usava apenas a conversa para atrair os transeuntes.

E embora fosse pessoa de pouca cultura tinha facilidade para se comunicar. E quando em volta dele já havia alguns ouvintes, começava a falar da necessidade que todos temos de possuir um corpo sadio. Um corpo que fique sempre longe do assédio da morte. E trazia à baila uma verdade que todos sabemos: que ninguém quer receber o abraço da dama da foice. E em seguida passava a contar casos, que dizia serem reais, em que se destacava a presença dela, a dama da foice. Vou relatar aqui apenas dois deles; mas, segundo ouvi dizer, havia muitos outros. E um deles era o caso de um avião, daqueles aviões de antigamente, que, voando, começou a perder altura e equilíbrio. Estava lotado de passageiros. E entre eles havia um homem gordo, muito gordo. E o aviador e a aeromoça acharam que o motivo era o peso do gordo. Com um homem gordo daquele jeito, era como se o avião, que estava lotado, aguentasse, acima de sua capacidade, o peso de mais duas pessoas. Era aí que estava o problema. E então propuseram ao gordo que, para salvar a vida dele e a vida dos outros passageiros, seria bom que ele saltasse de pára-quedas logo que o avião sobrevoasse uma área boa para se descer de pára-quedas. E o gordo disse que não ia ter coragem para fazer o que

estavam querendo. Era aí que o camelô explicava: "O gordo estava com medo de morrer!" E ele mesmo, o camelô perguntava: "E quem não tem?" Mas daí a alguns minutos o avião voltou a se equilibrar, continuava o camelô, e todos respiraram aliviados. Mas pouco tempo depois nova complicação. E agora, segundo piloto e a aeromoça, era por estar acabando a gasolina. E uma dúvida maior surgiu entre os passageiros: saltar ou não saltar de pára-quedas se já estavam quase chegando?... E estavam todos aflitos, sem saber o que fazer, quando ouviram a voz grossa e firme do passageiro da última poltrona, que se erguera com seus cabelos brancos e óculos escuros: "o melhor que o aviador tem a fazer é voltar com o avião para o aeroporto de onde saímos!...

E a aeromoça perguntou: "Voltar para onde?"

– Para o aeroporto de onde estamos vindo!... Este avião está com urucubaca!... Carecendo de um banho de água benta!...

Quase bateram nele. Uma mulher o ameaçava com a bolsa de viagem: "Onde já se viu

uma burrice desta!... Se está faltando é gasolina, voltar para o aeroporto de onde saímos, lugar distante, quando estamos quase chegando?!...

E o camelô terminava dizendo que, no final, tudo deu certo. O avião chegou ao seu destino, com a ajuda de Deus, são e salvo!...

E outro caso que o camelô costumava contar era de um fazendeiro, velho e acostumado a mandar, que andava amargurado porque a vida estava sendo impiedosa para com ele. Na roça, por falta de chuva, a plantação de milho e de feijão, antes viçosa, estava secando. No campo, sem pasto, o gado morria. Naquela tarde montou em seu burro de estimação para ver em que pé andava o principal riacho de suas terras, e teve a tristeza de ver em seu leito apenas um magro fio de água. Na hora de voltar, puxou o burro com força pelo cabresto. O burro recuou nervoso. Não estava acostumado a ser tratado desse modo. Voltou a puxá-lo com mais força. Na hora de montá-lo, o burro, num arranco, lançou-o ao chão. E ele, com o joelho ferido, quase sem poder manter-se de pé, tentou de novo montá-lo. Mas o burro recuava, não deixava. E o fazendeiro, com muita dor no joelho, sentou-se

no chão e começou a blasfemar contra a vida, a dizer que estava cansado de viver, a chamar pela morte. Foi depois de ele dizer muitas vezes que estava cansado da vida, de chamar várias vezes pela morte, que a morte apareceu. E com voz suave e meiga disse que estava ali para atender seu chamado. Que, diante de seu insistente pedido, estava ali para atendê-lo, para levá-lo com ela. E o velho olhou para ela e explicou que chamara por ela não para que o levasse, mas para que o ajudasse a montar no burro. Mas ela não precisava de ajudá-lo a montar. Era só segurar o cabresto e deixar o resto por conta dele. E foi o que aconteceu: ela segurou o cabresto, e ele, mesmo sentindo muita dor no joelho, mais do que depressa montou no burro, e “adeus Venância, que da morte quero é distância!...”

E, então, o camelô olhava para as pessoas que estavam a sua volta e explicava que contara aqueles casos para trazer à tona o medo que as pessoas têm de morrer. E dizia que, da vida, a coisa pior era a morte. E aí entrava em seu tema principal, que estava ligado ao corpo humano, à alma e ao remédio que vendia. À alma que mantém vivo o corpo. Ou à alma que sai do corpo no instante em que ele morre.

Ou seja: o corpo morre porque a alma o deixa, ou alma o deixa porque ele morreu? E dizia que quando a alma deixava o corpo não tinha mais jeito, ela nunca mais voltava. O corpo tinha de ser enterrado. A alma responsável pelo amor, a alma a maravilha do amor, a alma a maravilha da saudade!... E explicava que a alma embora chegasse ao mundo com o corpo, ela, com toda a sua grandeza, não lhe era fiel. Quando, por uma doença ou por qualquer fatalidade, o coração parava, ela, a maravilhosa companheira de todas as horas, deixava o corpo para nunca mais. E não adiantava os médicos, os sábios, os químicos, os mágicos... Quando a alma deixa o corpo, não volta mais. Só aconteceu de a alma voltar para o corpo uma vez... Apenas quando Jesus morreu na cruz... Mas Jesus era Jesus... E voltou pela vontade de Deus. E foi só uma vez...

E é por isso que estou aqui com este remédio milagroso. Milagroso e barato, colhido no âmago da selva amazônica, numa região onde é comum os nativos viverem acima de duzentos anos. Remédio que tem o poder de cura para a maioria das doenças que perseguem o corpo humano... Remédio que hoje estou vendendo pelo preço de custo!... Lembrem-se bem, a alma depois que deixa o corpo não volta mais!... Nunca mais!...

Esse camelô, de nome Osório Matias, gostou de Pedro Leopoldo e aqui resolveu ficar. Coisa que costuma acontecer com aqueles que, segundo o ilustre psicólogo Artur Joviano, bebem de nossa água. Deixou a profissão de camelô e abriu uma vendinha de uma porta na rua do Mata-Burro, onde passou a vender mantimentos, bebidas alcoólicas, fumo, doces, balas e muitas outras miudezas. Vez por outra eu parava à noite naquela vendinha mal iluminada para ouvir as músicas dos discos que ele punha em sua vitrola. Músicas românticas cantadas por Orlando Silva, Carlos Galhardo, Vicente Celestino e muitos outros cantores da época...

A vida tem no seu final:
oração, lágrimas, velas acesas.
É o que nos oferecem
quando entramos no caminho da eternidade,
e também flores e coroas de flores.
Mas o certo, o que nunca falha,
é sempre e para sempre o esquecimento,
seja acompanhando o derradeiro adeus antigo,
seja acompanhando o derradeiro adeus moderno.

Foi o que encontrei escrito
na página de um velho caderno.

Vida, misteriosa vida;
morte, misteriosa morte.
Aquele que está vivo,
preocupado com as coisas deste mundo
de repente deixa tudo,
após ser abandonado pela alma.
E é impossível fazer a alma
que abandonou o corpo
voltar a movimentá-lo.
O que se tem de fazer
é procurar evitar que ela o abandone,
porquanto o corpo sem alma não tem jeito,
transforma-se em matéria de rejeito.

Mas vamos deixar para lá,
pois a vida é e sempre será um mistério,
com o corpo dançando em um salão de baile
ou estendido na cova de um cemitério.

Dia e noite,
noite e dia,
a vida a trazer gente,
a morte a levar gente,
numa incansável disputa,
disputa incansável e permanente
de levar e trazer gente.
Felicidade seria se uma e outra
gozassem merecidas férias.
E assim as flores descansariam
Da teimosa diferença de sorte:
"Só enfeitariam a vida,
Não mais enfeitariam a morte.

Naquele tempo, na Rua de São Sebastião, entre a casa de minha mãe e a casa de João Cândido, morava a velha Sá Laura e sua filha Quita de Sá Laura. As duas faziam as melhores fatias e os mais gostosos bolos de fubá e cobus de nossa região. Eram elas, naquela época, chamadas pelo povo de nossa cidadezinha de quitandeiras. As melhores quitandeiras da redondeza. Estou lembrando-me delas porque vou falar de um forno usado naquela época e que há muitos anos desapareceu. Só de pensar no cheiro gostoso que saía daqueles fornos, minha boca fica cheia de água. Velhos fornos que ficaram fazendo parte de minha saudade. Eles ficavam geralmente sob uma coberta de telha, ao lado da cozinha. Eram fornos parecidos com uma grande casa de

João de barro, com uma abertura na frente, por onde eram introduzidos os produtos que seriam assados. Abertura essa que era fechada com uma chapa de ferro fundido. O interessante era que esses fornos assavam ou coziam os produtos com o calor que ficava em seu interior. Explico melhor: queimava-se dentro dele a lenha. Após estar toda ela queimada, tirava-se as brasas e a cinza que restavam no assoalho com ramos de vassourinha ou de assa-peixe e colocava-se no forno as bandejas com os produtos a serem cozidos ou assados. Como disse antes, eles eram cozidos ou assados com o calor que ficava no seu interior. E ficavam de dar água na boca as fatias, os bolos de fubá e os cobus assados naqueles fornos. Fornos que deixaram de serem usados na época em que a maioria das ruas de nossa cidadezinha ainda não possuíam calçamento, e a luz das lâmpadas dos postes da rede elétrica eram muito fracas. Bem antes de ser instalada a primeira agência bancária em nossa terra, e um de nossos fazendeiros, para testar a garantia da novidade, depositou ali um pacote de dinheiro numa segunda-feira e na semana seguinte tirou todo ele para conferir. E muitas outras pessoas do lugar agiram da mesma forma. O que acontecia era que antes as pessoas guardavam o dinheiro

que economizavam debaixo dos colchões, no fundo das gavetas, e até mesmo no fôrro dos telhados. Sempre atentos para que não fosse roubado ou então danificado por algum roedor. Foi nessa época que Joaquim Reis e sua mulher, donos de alguns alqueires de terra no caminho da Cachoeira do Urubu, conseguiram ajuntar, com muito trabalho e economia, um dinheirinho com o qual esperavam comprar novos alqueires de terra ao lado dos seus. Uma luta dele e da mulher, tirando leite, fazendo queijo, plantando milho e feijão, criando porcos. E uma economia de guerra: roupas de carregação, tamboretes de três pés, nenhuma cadeira, móveis de madeira barata e sem polimento, carne apenas duas a três vezes por semana, e sempre carne de porco.

Naquela tarde de setembro, bonita tarde, quando Joaquim Reis chegou da rua, após entregar queijos e ovos na casa de alguns fregueses, a mulher o esperava sorridente. Era dia do aniversário dele, a mesa com café, leite, e os bolos de que ele gostava. Quando ele estava tomando café, disse que estava tudo muito gostoso, parecia até ter saído de um forno de antigamente. E ela sorriu e disse que ele

adivinhara: fora tudo assado no velho forno de barro. E ele assustado: “No forno de barro da porta da cozinha?!” E ela sorrindo: “Isso mesmo: no forno de barro da porta da cozinha!...” Ele ergueu-se da mesa e, sem dizer mais nada, correu até o forno, abriu a tampa de ferro fundido, pegou da pá que estava ao lado e levou-a ao fundo do forno, procurando ansioso a sacola de couro com o dinheiro, que escondera no fundo dele, bem no fundo. E só havia cinza, somente cinza...

Foram muitos anos de trabalho e sacrifício queimados em pouco tempo... O desespero era tanto que às vezes discutiam de modo áspero... Depois sentiam que ninguém podia ser considerado culpado por ter escondido o dinheiro no fundo do forno, ou por ter usado o forno... Fora tudo fatalidade, uma dura fatalidade!...

Quem tirou Joaquim Reis e a mulher do desespero foi Chico Xavier. E quem me contou isso foi Gerson Alfaiate, que comprava queijo do sítio dele todos os sábados. Sabedor do que acontecera com o queijeiro, Gerson, que era amigo de Chico Xavier, levou-o até Chico. Joaquim Reis e a mulher procuraram Chico mais

algumas vezes. E este, com ternura e paciência, foi deixando-lhes no coração uma luzinha de fé e de esperança. E eles voltaram a trabalhar com alegria e menos amor pelos bens materiais...

Não sou eu que estou contando isso. Quem me contou isso foi Gerson Barbosa Chaves, respeitado alfaiate de nossa terra, amigo de Chico Xavier e meu amigo. Eu apenas posso dizer que por maior e mais negra que seja uma nuvem que venha a cobrir uma estrelinha, ela, a nuvem, ou passará ou se desmanchará e a estrelinha voltará a brilhar, bastando para isso um pouco de paciência e fé em Deus.

Foi uma época de encantamento no alegre Reino de Pedro Leopoldo. Tanta coisa boa, tanta coisa bonita daquele tempo ficou no azul de minha memória e de minha saudade.

Do começo ao fim da Rua de São Sebastião havia sempre moças e meninas sorrindo, moças e meninas cantando e o ar parecia também sorrir em volta delas. Cantava-se muito naquele tempo. Embora aquela rua fosse uma rua de gente humilde, viviam todos ou quase todos alegres, pois tinham família, tinham casa, tinham trabalho e a alma cheia de sonhos.

Nos dias de hoje, quando o coração pede, costumo parar no alto daquela rua, junto à cerca da estrada de ferro, vendo-a como era naquela

época, com suas casas antigas, os jardins, os postes de aroeira da rede elétrica, moças e rapazes conversando e rindo, como ficou na minha saudade...

Houve, é verdade, momentos difíceis na vida de cada um de nós, momentos capazes de nos magoar profundamente. Momentos que procurei evitar de trazer para as páginas deste livro "Retalhos de Saudade", uma vez que o comum é a gente ter saudade das coisas boas. E a pedido do coração vou colocar aqui trechos de um bonito conto de Eça de Queiroz: "Suave Milagre". Conto que fala da vida de sofrimento e miséria de uma viúva e seu filho aleijado e doente: E um dia um mendigo parou na porta de seu casebre e repartiu a minguada comida que levava em seu farnel com ela e o filho, e falou de um Rabbi que apareceu na Galiléia, que de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava a todas as criancinhas, e prometia aos pobres e sofredores um grande e luminoso reino, de abundância maior que a Corte de Salomão. E a mulher o escutou de olhos arregalados, e de olhos arregalados quis saber onde poderia encontrar esse Rabbi, esperança dos tristes e sofredores. E o mendigo suspirou e respondeu que ninguém

sabia, que só o encontravam aqueles ditosos que sua vontade escolhia. Que Ele era procurado por toda a Galiléia, mas os que o procuravam voltavam derrotados sem saber por onde andava esse Rabbi que se chamava Jesus...

Após o mendigo pegar de seu farnel e seguir caminho, o menino pediu à mãe que procurasse esse Rabbi que amava as criancinhas pobres e doentes!...

E a mãe apertando a cabeça com as mãos respondeu:

– Oh, filho! Como queres que eu te deixe e vá em busca desse Rabbi que não sei por onde anda! Talvez Jesus morresse... O céu o trouxe, o céu o levou. E com ele, para sempre, morreu a esperança dos tristes, dos sofredores!...

E a criança, com duas lágrimas na face muito magra, murmurou:

– Oh mãe! Eu queria tanto ver Jesus!...

E logo, abrindo devagarinho a porta, e sorrindo, Jesus disse à criança:

– Aqui estou.

Transcrevi para este livro alguns trechos esse conto porque ele me trouxe à lembrança a pessoa de meu conterrâneo Chico Xavier. Não que eu queira compará-lo a Jesus, longe de mim tal loucura. Quero apenas aproximá-lo do mendigo que repartiu sua minguada comida com a mãe amargurada e o filho doente. E sentado na pedra da lareira lhes falou dessa esperança dos tristes e sofredores, esse Rabi que apareceu na Galiléia. E isso era de Chico Xavier: repartir o que possuía com os pobres e sofredores e levar aos seus corações as palavras de Jesus. Sempre lembrando que o céu o trouxe, que o céu o levou; mas não levou com Ele a esperança dos tristes e sofredores...

Desse conto tirei uma cópia quando eu ainda estudava no Colégio D. Silvério em Sete Lagoas e, nas férias, a ofereci a Chico Xavier. Ele por várias vezes disse-me que gostou muito do conto e até repetiu para mim os trechos de maior ternura...

"Em 1920 José Flaviano Machado "Zeca Machado" passou a dirigir, como maestro, a Banda de Música Cachoeira Grande do arraial de Cachoeira Grande..."

Do livro: "Eta Pedro Leopoldo" de Osvaldo do Carmo.

Mais tarde, como gerente da Fábrica de Tecidos, Zeca Machado sempre procurou incentivar o progresso dessa Banda de Música. Zeca Machado era pai de Natércia, a moça com quem me casei.

Parece até ser uma coisa boba relembrar o que vou agora relembrar. Mas no azul de minha memória, ou melhor, no azul de minha

saudade está bem viva aquela bonita manhã em que Natércia e eu chegamos à porta da Igreja, após a celebração de nosso casamento, e a banda de música, Corporação Musical Cachoeira Grande, parada no adro da Igreja, nos recebeu com o "Parabéns Pra Você". Natércia, no seu simples, mas bonito vestido de noiva, olhava com um sorriso nos lábios para a banda lá embaixo, enquanto um vento suave acariciava nossos cabelos e nossos rostos. Foi um belo e inesquecível dia aquele. No casamento civil, duas horas antes, Levi Teixeira, oficial de Justiça de nossa comarca, após oficializar a nossa união, ergueu-se da cadeira, apertou minha mão e disse: "Meus parabéns, você acaba de tirar a sorte grande!". Lembro-me também do momento em que padre Sinfrônio, que estava celebrando nosso casamento, pediu a Nossa Senhora que nos abençoasse e nos ajudasse a formar uma família feliz. Eu repetia baixinho o que ele estava pedindo a Nossa Senhora, pois acreditava, como acredito até hoje, que a felicidade no casamento é de grande importância na vida do homem, na vida da mulher e também na vida dos filhos que nascem dessa união.

Guardo com ternura na saudade aquele dia. Jamais o esquecerei, porquanto foi de muita importância em minha vida. E digo comigo que o oficial de justiça Levi Teixeira acertou em cheio ao afirmar que eu acabara de tirar a sorte grande. Após aquele dia, belos e alegres momentos passaram a iluminar minha vida. Foi uma época de encantamento no maravilhoso reino de Pedro Leopoldo. Encantamento que desejei cantar em versos com a força e as cores de um grande poeta. Força e cores que sempre me faltaram. Alegres momentos que hoje estão distantes de mim, quase tão distantes como as estrelas. Mas com tudo de bom que havia neles guardado na minha saudade.

Roseira dá-me uma rosa,
craveiro dá-me um botão.
Saudade deixa-me viver,
pode ser em casa com goteira
e com luz de lampião,
a vida que já vivi,
que te darei meu coração.

Mas o que passou, passou,
ninguém será capaz de acender a chama
que o vento do tempo apagou.

Apagou, mas Pedro Leopoldo continua com a alegria e a ternura de sempre.

Minha doce e alegre cidade, com sua bonita história, com suas bonitas estórias, com rostos amigos, risadas nas casas, nas calçadas, nas esquinas, nos bares onde conversam e se divertem.

Estendido na cama, sentado na varanda ou andando na rua, sob a luz do sol ou sob o brilho das estrelas, meu coração é só saudade...

Uma teimosa vontade de voltar a viver
entre a gente humilde daqui,
esta alegre terra que sempre amei,
a vida feliz que vivi!

Perdoe-me o céu esses humildes retalhos de saudade de quem carregou bonitos e alegres sonhos na vida. Sonhos que renascerão com

mais luz, com mais ternura, com mais beleza na vida dos que virão. Porque esta terra sempre foi e sempre será uma terra de gente alegre, sonhadora e com muito amor no coração.

Diagramado e impresso em papel offset 90 g,
utilizando fonte Times New Roman, nas oficinas da
GRÁFICA EDITORA TAVARES LTDA
Rua Sen. Melo Viana, 81 - Tel/Fax (31) 3662-3277
33600-000 - Pedro Leopoldo - MG
www.tavaresnet.com.br
comercial@tavaresnet.com.br

E de tudo vai ficando
um leve brilho
da luz do sol
nas águas claras
do riacho,
nas escamas das piabas
nas folhas que vão
caindo.
E a doce lembrança
de saudosa
época que passou
e que jamais voltará...

"Porque essas honras vãs, esse ouro puro,

Verdadeiro valor não dão à gente:

Melhor é merecê-los sem os ter

Que possuí-los sem os merecer."

Camões